

**IZABEL CAVALCANTI BARROS LAMENHA**

**MOTIVAÇÃO NO HANDEBOL EM DESPORTISTAS  
INICIANTES**

**PUC-Campinas**

**2003**

**IZABEL CAVALCANTI BARROS LAMENHA**

## **MOTIVAÇÃO NO HANDEBOL EM DESPORTISTAS**

### **INICIANTES**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Psicologia do Centro de Ciências da Vida da PUC-Campinas como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Psicologia Escolar.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Geraldina Porto Witter

**PUC-Campinas**

**2003**

**IZABEL CAVALCANTI BARROS LAMENHA**

**MOTIVAÇÃO NO HANDEBOL EM DESPORTISTAS  
INICIANTES**

**Banca Examinadora**

---

**Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Josiane Maria de Freitas Tanelotto**

---

**Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria do Socorro Leite Buriti**

---

**Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Geraldina Porto Witter**

**PUC-Campinas**

## **Dedicatória**

Aos meus pais, Alberto e Iany,  
por tudo que representam na minha vida.

Amo vocês.

## **Agradecimentos Especiais**

A minha mãe, obrigada por estar ao meu lado durante todos estes anos, sorrindo comigo, ouvindo meus sonhos, comemorando as vitórias, consolando nas derrotas, e por me amar, sempre. Mãe, palavra pequena, mas com um significado infinito, pois quer dizer amor, dedicação, renúncia a si própria, força e sabedoria. Obrigada por ser quem você é, e me mostrar como ser. Por acreditar nos meus sonhos, ajudou-me a realizá-los. Você me deu dois presentes, os melhores que eu poderia ter: você como minha mãe e eu com o privilégio de ser sua filha.

Quero muito agradecer a minha orientadora, Geraldina Witter, pelo que ela me proporcionou com sua atenção, sabedoria, carinho e amizade. Esta extraordinária alma, simplicidade em pessoa, sempre faz tudo com dedicação e amor. E ainda, sou grata por tudo que me auxiliou nessa caminhada. Você é uma daquelas pessoas raras com um objetivo único de dar o melhor às pessoas que a cercam, você que sempre está pronta a ajudar o outro a aprender e a crescer. Quero agradecer de coração tudo que me ajudou a realizar, obrigada.

## **Agradecimentos**

Gostaria de agradecer a Deus por todos os momentos maravilhosos que tenho tido em minha vida. Por todos os momentos felizes e porque não os tristes? Muitas coisas aprendi com eles, muitos valores guardei e muitas vitórias conquistei. O que seriam de nossos momentos felizes se não existissem os tristes? Eles simplesmente não teriam significado algum. Alegria sem dor? Uma jamais teria sentido sem a outra. Os momentos de dor servem para reconhecermos nossos momentos alegres, nossas vitórias e conquistas e principalmente para agradecermos a Deus por eles. Hoje, agradeço a Ele o meu maior momento de alegria e minha grande conquista.

Ao meu pai agradeço por tudo que hoje sou. Se sei o que é ser uma mulher independente, de caráter e personalidade é porque me fez assim. Ao seu lado aprendi a amar e, aprendi a respeitar e ser respeitada e principalmente aprendi que não podemos ter medo de lutar para ser feliz, devemos vencer nossos obstáculos, obrigada por tudo.

Aos meus irmãos Carol e Beto, pois neste momento todas as palavras são poucas próximas de atos. Seus atos muito me ajudaram, e com todo carinho venho lhes agradecer por isto. Muito obrigado pela ajuda de vocês. Foi de grande valor e coração.

A minha família, que esteve ao meu lado nas horas que chorei e nas horas que sorri, nas horas que me lamentei e nas horas em que de uma forma ou de outra demonstrei total alegria. Agradeço pelos sorrisos diários, sem mágoas nem rancores, agradeço de peito aberto, de alma explosiva. Hoje quero parar e agradecer, porque vocês fizeram, fazem e farão sempre parte de minha história!

A todos os meus amigos de João Pessoa, que mesmo distantes estiveram próximos, pois amigos não estão juntos apenas quando perto um do outro, mesmo quando distantes permanecem em nossos pensamentos. Muito obrigada.

Obrigada é uma palavra tão pequena para expressar esse sentimento de gratidão, a todos amigos que estiveram torcendo por esta etapa em minha vida, as amigas de Campinas, Tatiana, Paula e Luciana e aos melhores amigos de Ribeirão Preto, por todos os momentos que vivemos, especialmente, Manuela, Marcela, Juliana e Rosana.

As escolas, aos professores, os pais e os atletas que estiveram envolvidos nessa pesquisa, agradeço pela colaboração e participação.

A Pontifícia Universidade Católica de Campinas e a CAPES pelo apoio permanente e incentivo científico.

Finalmente, a todos aqueles que contribuíram de alguma forma seja direta ou indiretamente para a realização desta conquista.

Nada lhe posso dar que já não existam em  
você mesmo. Não posso abrir-lhe outro mundo  
de imagens, além daqueles que há em sua  
própria alma. Nada lhe posso dar a não ser a  
oportunidade, o impulso, a chave. Eu o ajudarei  
a tornar visível o seu próprio mundo, e isso é  
tudo.

(autor desconhecido)



## SUMÁRIO

Índice de Tabelas.....	x
Índice de Figuras.....	xi
Índice de Anexos.....	xii
Resumo.....	xiv
Abstract.....	xv
Apresentação.....	xvi
Capítulo I - Introdução.....	1
Perspectivas da Evolução da Psicologia do Esporte.....	3
Motivação.....	8
Motivação no Esporte.....	12
Objetivos.....	31
Capítulo II – Método.....	33
Instituições.....	34
Participantes.....	34
Material.....	35
Procedimentos.....	37
Capítulo III – Resultados e Discussão.....	38
Capítulo IV – Conclusões e Sugestões.....	60

Referências.....	65
Anexos.....	72

## Índice de Tabelas

Tabela 1 – Tempo de prática do handebol pelos subgrupos.....	39
Tabela 2 – Influência na prática do handebol pelos subgrupos.....	41
Tabela 3 – Influenciadores na prática do handebol pelos subgrupos.....	43
Tabela 4 – Correlações entre os subgrupos: Influenciadores na prática.....	45
Tabela 5 – Objetivo na prática do handebol pelos subgrupos.....	46
Tabela 6 – Correlações entre os subgrupos: Objetivo na prática.....	48
Tabela 7 – Estimuladores na prática do handebol pelos subgrupos.....	49
Tabela 8 – Correlações entre os subgrupos: Estimuladores na prática.....	51
Tabela 9 – Desestimuladores na prática do handebol pelos subgrupos.....	52
Tabela 10 – Correlações entre os subgrupos: Desestimuladores na prática	53
Tabela 11 – Correlações entre os subgrupos: Perfil motivacional.....	59

## Indice de Figuras

Figura 1 – Perfil motivacional dos subgrupos.....	55
---	----

## Índice de Anexos

Anexo 1 – Questionário para praticantes de handebol.....	73
Anexo 2 – Porque você pratica o handebol.....	76
Anexo 3 – Carta de consentimento para a escola em relação a realização da pesquisa.....	78
Anexo 4 – Carta de consentimento para os pais em relação a realização da pesquisa.....	80
Anexo 5 – Características pessoais dos sujeitos: GPu M.....	82
Anexo 6 – Características pessoais dos sujeitos: GPu F.....	83
Anexo 7 – Características pessoais dos sujeitos: GPr M.....	84
Anexo 8 – Características pessoais dos sujeitos: GPr F.....	85
Anexo 9 – Prática do handebol: GPu M.....	86
Anexo 10 – Prática do handebol: GPu F.....	87

Anexo 11 - Prática do handebol: GPr M.....	88
Anexo 12 - Prática do handebol: GPr F.....	89
Anexo 13 - Perfil motivacional: GPu M.....	90
Anexo 14 – Perfil motivacional: GPu F.....	91
Anexo 15 – Perfil motivacional: GPr M.....	92
Anexo 16 – Perfil motivacional: GPr F.....	93

Lamenha, I.C.B. (2003). *Motivação no Handebol em Desportistas Iniciantes*. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Campinas, pág. x + 93 p.

### **Resumo**

A motivação é um tema importante nas várias atividades humanas. Este trabalho teve como objetivo investigar a motivação em atletas de handebol, mais especificamente, detectar variáveis que influenciaram os atletas na escolha desse esporte, quais os objetivos em praticá-lo e os fatores estimuladores e desestimuladores no esporte citado, traçando o perfil motivacional das equipes. Foram sujeitos (N=38) desse estudo atletas de handebol de escolas do ensino privado (N=20) e público (N=18) de ambos os sexos, em uma capital nordestina. Para a coleta de dados foi utilizado um questionário estruturado e uma Escala de Motivação para o Esporte. Os resultados foram analisados estatisticamente pelo Teste de Homogeneidade ( $\chi^2$ ) e pelo Teste de Correlação de Spearman. Os resultados mostraram que se trata de atletas iniciantes, dos quais metade sofreram alguma influência na escolha do handebol, dentre eles, os amigos são os maiores influenciadores. O lazer foi o objetivo consensual entre os atletas de acordo com a prática do handebol. Os dados mostraram ainda que a hierarquia das variáveis estimulantes não é consistente de um grupo para outro, diferente da hierarquia das variáveis desestimuladoras, porém foram citados os campeonatos como principais estimuladores e as derrotas como desestimuladoras. De um modo geral, as equipes apresentaram um perfil motivacional específico, embora existissem pontos em comum. As escolas públicas indicaram mais motivação intrínseca, acontecendo o inverso com as escolas privadas, com atletas mais motivados extrinsecamente. Há necessidade de pesquisas de variáveis correlatas e comparativas.

Palavras-Chave: Esporte, Adolescência, Ensino Público vs Privado

Lamenha, I.C.B. (2003). *Motivation in Handball Iniciant Athlets*. Master's Thesis. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Campinas, pág. x + 93 p.

### **Abstract**

The motivation is a important subject in many human activities. This paper aimed to investigate the motivation in handball athlets, more specifically, detect the variants had influence the athlets in their choice of the sport, wich the purposes in its pratice and stimulants and distimulants factores in the mentiond sport; drawing the team's motivational outline. Athlets of handball (N=38) of both gender from private (N=20) and public (N=18) schools of one northeastern capital were subject of this study. It was used a Questionnaire and Scale of motivation for the sport to collection of data. The results were staisically analysed by the Homogenetty Test ( $X^2$ ) and Sperman's Correlation Test. The results showed a group of iniciant athlets , in wich a half suffered some influences in choice of handball, among them, the friends are the most influences. The leisure was the consensual purpose among the athlets in handball pratice. Furthermore, the data showed that tha hierarchy os stimulant variants is not consistent from a group to another, differently from the distimulant variant's hierarchy, but the championships were mentioned as principal stimulant factor and routs as distimulant. In general view, the teams showed a specifics motivation outlines, althought there are commum points between them. The public schools indicated more intrinsic motivation, the inverse occured in private shoools, with athlets more extrinsically motivated. Researches correlates and comparatives are necessary.

Key-Words: Sport, Adolescence, Public vs Education



**APRESENTAÇÃO**

O esporte vem a cada dia aumentando o número de adeptos e ocupando maior espaço no contexto da sociedade, sobretudo assumindo lugar significativo na vida de crianças e adolescentes. Esse envolvimento pode ser justificado porque, o ambiente esportivo está inserido numa concepção de lazer e de promoção social (fatores que influem na qualidade de vida), constituindo assim, um fenômeno social de valor inquestionável. Além disso, cada vez mais se vem reconhecendo o papel do esporte no desenvolvimento da pessoa e na sua saúde biopsicossocial.

Conforme o estado evidente e peculiar de ubiquidade que o esporte alcançou no mundo, é desnecessário ressaltar o grande fenômeno social que o mesmo representa. Entretanto, segundo Rotger (1998), o esporte obtêm o papel de protagonista social que muito outros fenômenos desse mesmo caráter não possuem, ou seja, a atribuição de entidade multifuncional e multicultural. Estas considerações justificam o crescimento do estudo psicológico da área.

Por sua vez, o handebol é um esporte completo e atraente, que requer três capacidades motoras básicas: correr, saltar e arremessar. Como características esportivas, o handebol é considerado como sendo um jogo de grande disputa e combatividade, porque envolve velocidade, habilidades, força, coordenação e resistência de seus praticantes, fatores preponderantes na dinâmica e na desenvoltura do jogo (Ferreira; 1990).

A mobilidade dos praticantes de handebol, em determinadas situações de jogo exige ações de decisão, coragem e iniciativa, de contrapartida, exige grande controle emocional, atenção e calma (Camargo Netto, 1982). Além do que se pode acrescentar o saber atuar em equipe.

O que vale ressaltar foi a última campanha das equipes brasileiras de handebol nos Jogos Pan Americano de Santo Domingo. Os times conseguiram duas medalhas de ouro, trazendo o bicampeonato na categoria feminina e a inédita conquista no handebol masculino, os quais conquistaram invictos estes

títulos, afirmando a excelente participação nos Jogos, garantindo assim, a vaga nas próximas Olimpíadas.

Esta façanha merece ser destacada, pelo trabalho de base que foi desenvolvido nos últimos anos, assim como pelo intercâmbio com times da Europa, sobretudo o incentivo e os investimentos nas duas equipes, que afirmaram sua hegemonia nas Américas.

Instituindo-se nessa proporção, esportes como o handebol, fazem relação com vários campos de ocupação e de pesquisas na Ciência do Esporte, bem como as consideradas nesta pesquisa, como a Educação Física e a Psicologia do Esporte.

A Psicologia do Esporte ao longo de um século de investigação, tem contribuído com pesquisas e trabalhos assistindo a atletas e técnicos. A crescente preocupação com os fatores e efeitos psicológicos no comportamento dos indivíduos inseridos no meio esportivo em relação ao seu rendimento no esporte, alavancaram o desenvolvimento desta área, e de forma lícita, contextualizaram teorias, metodologias e procedimentos por meio de ações preventivas e de intervenções que favoreceram o desempenho atlético (Buriti 1999, M. Buriti, 1997).

Rubio (2002) discute que psicólogos e profissionais do esporte, sejam eles atletas, técnicos e dirigentes, não estão certamente cientes de que uma intervenção psicológica pode trazer benefícios para o desportista, aumentando o rendimento esportivo ou superando situações adversas.

Dentre as possíveis dimensões que abrangem a Psicologia do Esporte, o estudo da motivação em adolescentes praticantes de handebol, foi o eixo de discussão desenvolvido na presente pesquisa.

O envolvimento que o esporte oferece desperta cedo nas crianças e nos adolescentes o desejo de praticar determinado esporte. Muitos iniciam suas atividades desportivas nas escolas.

Considerando esta situação, a pesquisa poderá contribuir para analisar a importância da motivação como elemento fundamental na prática esportiva, especialmente para os adolescentes.

Nesse sentido, este trabalho se estruturou a partir de dois propósitos centrais. O primeiro foi tentar demonstrar por meio de dados e situações concretas, a influência das variáveis motivacionais nos sujeitos. O segundo foi levantar e debater algumas hipóteses que explicassem tal fenômeno em torno do estudo desenvolvido.

Dentro desse limite procurou-se evidenciar a necessidade de estudar a motivação e verificar o nível de motivação de adolescentes praticantes de handebol. Considera-se este um aspecto em que a Psicologia muito tem a contribuir, uma vez que o conhecimento de uma equipe é formado por meio da soma dos fatores técnicos, táticos, físicos e psicológicos, sendo este último inerente à formação do desportista, sobretudo não sendo indissociável deste processo.

Os dados obtidos podem servir para os técnicos, educadores físicos, psicólogos do esporte e psicólogos educacionais, a desenvolverem nas suas equipes, trabalhos voltados para a preparação psicológica, sobretudo à questão motivacional de seus desportistas que iniciam no esporte.

O trabalho foi estruturado de forma que inicialmente são apresentadas as razões que validam sua realização. Na introdução, após breve prólogo, segue-se a apresentação de um referencial teórico sobre o tema central do trabalho, ou seja, a motivação, se menciona o conceito e suas implicações, sobretudo no

esporte. A seguir, são discutidas as três forças motivacionais que podem influenciar diretamente no comportamento humano: a motivação intrínseca, motivação extrínseca e a falta de motivação. Faz-se também, uma explanação sobre a motivação no treinamento esportivo. O trabalho segue com os objetivos da pesquisa. Em seguida, vem a descrição da metodologia, seguida a apresentação dos resultados, discussão, conclusão, sugestões, referências e demais pós-textos.

## INTRODUÇÃO

Estudar o indivíduo em movimento, em qualquer circunstância pode ser uma fascinante prática em busca da compreensão de um fenômeno mundial com dimensão cada vez mais ascendente na contemporaneidade como é o esporte.

A prática de uma atividade física seja ela por meio de um exercício, ou seja, por meio de um esporte de competição na sociedade de hoje, se materializa em uma série de manifestações de uma natureza abrangente, que vinculadas entre si por uma relação de prazer, satisfação, motivação, confirmam o impacto que tem para o indivíduo e a prática do exercício físico.

O esporte vem firmando o seu significado na vida de cada praticante, tornando-se cada vez mais presente e mais próximo nas suas mais variadas práticas como na educação, entretenimento, competição, entre outros.

O fenômeno esportivo está sendo considerado, sem sombra de dúvida, o fenômeno social de maior abrangência do século XX e XXI, merecendo de todos, pesquisadores da área da Educação Física e da Psicologia e mesmo de outras áreas, atenção especial.

Contudo, o esporte se constitui como um dos fenômenos mais complexos e abrangentes e segundo Rubio (2002, p. 08):

*...é possível afirmar que toda manifestação esportiva é socialmente estruturada, na medida em que o esporte revela em sua organização, no processo de ensino-aprendizagem e na sua prática, os valores subjacentes da sociedade na qual ele se manifesta. Questões como o desenvolvimento da identidade do atleta, formas de manejo e controle de concentração e ansiedade, aspectos de liderança em equipes, estudadas e tratadas de maneira pontual e pragmática dentro da Psicologia do Esporte voltada para o rendimento, foram deslocadas de um contexto social maior que é o lugar e o momento que o atleta está vivendo.*

Essencialmente, a Psicologia do Esporte vem procurando investigar os fatores inerentes ao esporte, bem como o funcionamento humano adequadamente adaptado ao seu contexto esportivo, procurando incrementar suas possibilidades de rendimento e como consequência disso, suas opções para alcançar o objetivo desejado.

O foco central deste trabalho é a relação motivação-prática esportiva. Todavia, apenas para situar o leitor, são apresentados alguns elementos da evolução histórica da Psicologia do Esporte.

### **Perspectiva da Evolução da Psicologia do Esporte**

Já na virada do século XX, o esporte era investigado na Psicologia enfocando questões tais como a sua origem em fases interrelacionadas, crescimento e desenvolvimento de mais uma ciência do esporte.

A primeira vez que a temática foi tratada de forma mais específica, foi por Triplett em 1898, psicólogo da *Indiana University* pautado no estudo de rendimento em grupo de ciclistas. Outro trabalho de mesma relevância para o esporte em sua relação com a Psicologia foi o de Coleman Griffith, considerado o pai da Psicologia do Esporte americana, publicando dois clássicos, *Psychology of Coaching* e *Psychology of Athletics*, teve por objetivo, enquanto psicólogo, contribuir para a configuração da Psicologia do Esporte (Weinberg & Gould, 2001).

Isso demonstra que há longo tempo o esporte já era observado pelos psicólogos, embora só recentemente teve grande desenvolvimento. No início, o esporte encontrava espaço somente em algumas disciplinas e teorias psicológicas, como aspectos psicológicos do esporte e a aprendizagem de habilidades motoras, a descrição de traços da personalidade associados a



atividade esportiva, gradativamente foram se ampliando e enfocando aspectos específicos, configurando a nova área da Psicologia (Weinberg & Gould, 2001).

Se a preocupação com o esporte como tema já estava presente entre os psicólogos, ela seria desenvolvida de forma mais direta a partir do advento da Era Griffth. Entretanto, Guedes (2001) cita o longo itinerário histórico, cujas etapas se definiram em um novo contexto, no qual se inseriu a Psicologia do Esporte.

Foram identificados trabalhos na área da Psicologia do Esporte no fim do século XIX, período que correspondeu entre 1890 e 1920, o qual foi classificado como *era dos pioneiros*, de modo que os trabalhos desenvolvidos tinham o objetivo de relacionar o esporte com a Psicologia, alguns exemplos foram citados por Weinberg e Gould (2001): tendo Triplett no ano de 1897 estudando os efeitos dos outros sobre o desempenho de ciclistas, Yale no ano de 1899 descreveu traços da personalidade que acreditava favoreceriam a prática esportiva, Patrick em 1903, discutiu a Psicologia do Jogo, Cummins em 1914 avaliou reações motoras, atenção e capacidades e sua relação com o esporte, entre outros.

O período de 1920 a 1945 foi denominado *fase preparatória*, com várias definições para a Psicologia do Esporte, as quais enfatizavam o estudo do atleta e do fenômeno esportivo. Griffith foi o grande nome deste período com 25 artigos de pesquisas e dois grandes livros, além do estabelecimento do laboratório de pesquisas em esportes físicos da *University of Illinois* (Weinberg & Gould, 2001).

Contudo, de 1950 a 1965, a Psicologia do Esporte passou a fazer parte da Psicologia como uma de suas áreas e cresce o número de pesquisas em locais de treinamento e de competição esportiva. Segundo Samulski (1992) a antiga União Soviética com Rudick e Puni, o Japão com Matsui e a Alemanha com

Schulte e Sippel, foram países que desenvolveram também, laboratórios e Institutos de Psicologia do Esporte.

O período compreendido entre 1966 e 1977 foi marcado por grande impulso do esporte em decorrência da política e da economia, sendo considerada a fase em que a Psicologia do Esporte torna-se um ramo autônomo da Psicologia Geral.

Conforme Weinberg e Gould (2001), durante este período, no currículo da Educação Física se estabelece a Psicologia do Esporte como disciplina acadêmica e passam a aparecerem trabalhos focalizados na Psicologia do Esporte aplicada, entram em voga os problemas com os atletas, tendo em Ogilvie em 1966 o desenvolvimento dos primeiros estudos. Destaca-se também, Cratty no ano de 1967 que entre suas contribuições apresenta o livro *Psychology of Physical Activity*.

A especificidade da área foi estabelecida na fase seguinte, entre os anos de 1978 a 1981, abrindo caminhos para pesquisas e intervenções nas demais disciplinas correlacionadas ao esporte. Em seguida, nos anos de 1982 a 1985 determinou-se a definição da originalidade da Psicologia do Esporte. Os estudos passaram a enfocar basicamente os atletas de elite.

A Psicologia do Esporte é acima de tudo um ramo da ciência, com seu reconhecimento oficial acontecendo no ano de 1965, na cidade de Roma, sendo fundada neste mesmo ano a *International Society of Sport Psychology- ISSP*, a qual é presidida inicialmente por Ferruccio Antonelli. Em 1967, ocorreu a primeira conferência anual da *North American Society for the Psychology of Sport and Physical Activity (NASPSPA)*.

Na América Latina, a área se difundiu na década de 70, mas só no ano de 1986, surge a Sociedade Sul-Americana de Psicologia do Esporte, da Atividade

Física e da Recreação-SOSUPE, presidida pelo brasileiro Benno Becker, um dos que a incentivou no Brasil. É fundada, neste mesmo ano, a *Association for the Advancement of Applied Sport Psychology-AAASP* e a *American Psychological Association-APA* que em 1987 inclui a Psicologia do Esporte na divisão 47, formando assim o conjunto de organizações de Psicologia do Esporte (Weinberg & Gould, 2001).

A partir de 1988 a Psicologia do Esporte passou a trabalhar com a preparação mental do atleta de alto nível. Temas como estresse, motivação, metodologia de treino, competições foram e continuam sendo estudados ao longo dessa trajetória.

#### *Psicologia do Esporte no Brasil*

Embora desde a década de 20, do século passado tenham surgido trabalhos sobre o assunto, no Brasil, é precisamente no ano de 1979, que a Psicologia do Esporte se concretiza, com a fundação da Sociedade Brasileira de Psicologia do Esporte, da Atividade Física e da Recreação-SOBRAPE.

A Psicologia do Esporte ainda é uma área emergente, no caso do Brasil, sendo usada tanto por psicólogos como por profissionais do esporte. A partir de dezembro do ano de 2000, o Conselho Federal de Psicologia passa a reconhecer a mesma, como uma especialidade da Psicologia.

O ponto relevante na história da Psicologia do Esporte no Brasil é a participação de João Carvalhaes em estudos na Psicologia aplicada ao esporte, com grande experiência em psicometria, desenvolvendo trabalhos no São Paulo Futebol Clube, equipe da capital paulista e na comissão técnica da seleção brasileira de futebol, participando da Copa do Mundo da Suécia, no ano de 1958, campeonato em que o time brasileiro conquistou o primeiro título mundial para o Brasil (Rubio, 2002).

Com o advento da conquista, o mundo buscou conhecer, nessa copa, o trabalho realizado pelo psicólogo João Carvalhaes com os jogadores campeões mundiais. Contudo, Rubio (2002, p.8) lembra que apesar desse evento, a Psicologia do Esporte, ainda não teria o seu real reconhecimento no País:

*Embora a conquista do título e o período de permanência no clube sejam dignos de registro até os dias atuais, esse fato não representou um grande impulso para a área no período em que ocorreu. Isso talvez se deva às condições vividas tanto pela Psicologia quanto pelo Esporte naquele momento.*

Atualmente, a Psicologia do Esporte no Brasil segue caminho próprio e com uma particularidade, que Rubio (2002) caracterizou por:

*Desenvolvimento de várias Psicologias do Esporte, distintas umas das outras por causa do referencial teórico que sustenta essa produção acadêmica e prática.*

Aliás, o que é visível em qualquer área da Psicologia já que a mesma carece de um processo crítico que leve à unificação e viabilize seu progresso para um nível paradigmático.

No foco dessa discussão, se faz necessário observar um ponto importante dentro da Psicologia. Nem toda aplicação psicológica ao esporte é considerada Psicologia do Esporte, a mesma têm objetivos específicos, e área inerente de interesse, sobretudo aplicações e técnicas próprias (Caló, 1999).

Para Buriti (1999) a Psicologia do Esporte no Brasil, se constitui ainda, numa esfera profissional e científica limitada geralmente, a práticas intuitivas e pouco embasadas cientificamente devido a pouca aplicação que tem recebido da comunidade.

A Psicologia do Esporte tem por proposta, o estudo do ser humano envolvido com a prática de uma atividade esportiva, podendo abranger os processos de avaliação, as práticas de intervenção ou a análise do comportamento social que caracterizam a atividade esportiva (Rubio, 2002).

A pretensão desta disciplina especializada e reconhecida pela Psicologia resulta no seu crescimento em 66 países (Guedes, 2001), o que por um lado foi decorrente da crescente aceitação ou significado psicológico nesta área da atividade humana e, de outro, da contribuição efetiva do estudo do fenômeno do esporte. A Psicologia do Esporte tem oferecido importantes prospecções tanto para a Psicologia em geral, quanto para as suas diversas áreas interligadas.

Contanto, para atingir esse destaque e inserção na Psicologia, sobretudo nas ciências do esporte, a mesma cumpriu uma diletta história, um longo percurso, do qual marcou definitivamente sua importância e identidade.

Apesar disso, a Psicologia do Esporte terá no futuro que continuar enaltecendo seus padrões investigativos que revelaram e muito contribuíram com dados e situações concretas, válidas para os múltiplos problemas, bem como para a prevenção de questões psicológicas colocadas pela prática dos esportes.

Aqui, destaca-se um aspecto que tem merecido a atenção dos estudiosos. Trata-se do estudo da motivação dos fatores que nela influem mais especificamente, da sua atuação na vida do desportista.

### **Motivação**

A Psicologia do Esporte tem contribuindo para a evolução do esporte, em particular no treinamento desportivo. Arantes (2002) assegura que motivos e objetivos de pesquisa com atletas, foco deste estudo, são distintos de situações

para situações, bem como distinguem, em relação com o nível de aprendizagem em que se encontram.

O mesmo autor cita as pesquisas de Cox, Zhan Lui e Qiu (1996) voltados a uma posição mais eclética; Luda, Garzunel e Therme (1996) mantem um posicionamento mais voltado para o behaviorismo cognitivista; Chantal e col (1996) escolheram uma teoria cognitivista para análise motivacional de atletas; Dekel, Tenenbamu & Kudar (1996) tendem a uma interpretação mais rogeriana, mas também fundamentada em outras teorias, buscando uma unificação.

Entre todos os domínios da Psicologia, a motivação encontra-se arrolada em grande número de pesquisas e trabalhos, incluindo o âmbito esportivo, devido ao que ela representa por seu efeito no desportista e nos resultados que alcança.

Conforme Pfromm Netto (1995), a motivação ocupa um lugar central entre os constructos abordados nas pesquisas de Psicologia. O estudo deste constructo via ação gerada por uma pessoa, por meio de seu comportamento, é a procura incessante para resolver os enigmas da essência humana. No entanto, aqui enfocando prioritariamente a motivação seus valores e particularidades especificamente dentro do esporte.

Segundo Cratty (1984; p.36) motivação:

*... denota os fatores e processos que levam as pessoas a uma ação ou inércia em diversas situações (...) é o estudo das razões pelas quais se escolhe determinadas ações com mais empenho do que outras.*

Sperling (1999) cita Husband (1991) à medida que as pessoas se desenvolvem, seus comportamentos vão ficando mais complexos, como também, suas forças motivadoras. Considera-se que os motivos básicos são aqueles que

se originam da fisiologia e da química do próprio organismo, formando forças orgânicas, que ativam toda a nossa constituição de desenvolvimento biológico. Essas forças são chamadas de impulso, surge como desencadeador e o motivo é definido como uma tendência para a atividade, iniciada por um ajustamento (Sperling, 1999). O ajustamento é, portanto, considerado o que satisfaz o motivo.

No entanto, teóricos e pesquisadores do construto da motivação verificam que a motivação intrínseca, resultante do próprio indivíduo, não acontece somente da questão biológica, ela tem como base toda uma estimulação cognitiva, afetiva, decorrente de lembranças estas que são poderosas no estímulo do comportamento do que as propriamente fisiológicas. Existe também a motivação extrínseca, ou seja, resultante de variáveis externas ao comportamento como o reforçamento dado por pais, treinadores, colegas de equipe ou ainda pela torcida que são estímulos essenciais na motivação (Ruiz, 2001).

Para Nuttin (1909; 1983), a motivação não é uma variável que se apresenta periodicamente, que em dado momento, desencadeia uma ação isolada. Também, não é um fenômeno que de vez em quando aparece no comportamento para desaparecer logo em seguida. Trata-se de uma orientação dinâmica contínua que regula o funcionamento, igualmente contínuo, do indivíduo em interação com seu meio. A estrutura muda em função de numerosos fatores internos e externos, em função também da experiência passada e da percepção atual.

Bergamini (1986, p. 88) diz sobre o termo motivação:

*...que é geralmente empregado como sinônimo de forças psicológicas, impulsos, desejos, instintos, necessidades, vontade, intenção, etc. Para ela, motivação é um impulso que vem de dentro, que tenha suas forças de energia no interior de cada pessoa. Se trata de um processo que implica a vontade de efetuar um trabalho ou de atingir a um objetivo, o que cobre três aspectos:*

*fazer um esforço, manter esse esforço até que o objetivo seja atingido e consagrar a ele a necessária energia.*

Vallerand (1994) diz que o conceito de motivação refere-se às forças que iniciam, dirigem e sustentam o comportamento.

Vários autores fazem referências à motivação, no entanto, ainda não se reconhece uma unanimidade para o termo. Murray (1967; 1983) também corrobora com esta questão, comentando que existe uma grande discrepância sobre que vem a ser motivação, no entanto, existe entre os pesquisadores do assunto uma concepção de que motivação é um fator intrínseco que direciona, conduz e integra o comportamento de um indivíduo.

Covington (1999) citado por Ruiz (2002) diz que definir motivação de maneira clara e objetiva torna-se bem mais complexo do que identificar na motivação seus efeitos e suas conseqüências.

É importante observar que todas as citações sobre motivação configuram um mesmo consenso de idéia, motivo que dirige, impulsiona, conduz uma ação e comportamento do indivíduo.

Existem diversas teorias ou correntes que vêm tentando explicar a motivação humana, entre as principais citadas pela maioria dos estudiosos do assunto, estão: a **Teoria Hedonística** que diz que o comportamento do homem pode ser explicado pela busca do prazer evitando a dor e o sofrimento (Atkinson, 1964), a **Teoria Cognitiva** mostra que o indivíduo possui desejos conscientes e usa as suas capacidades para satisfazê-los, desde que o mesmo possa controlar a sua vontade, ele é responsável pela suas ações (Murray, 1967; 1983), a **Teoria do Instinto** que é uma disposição psico-física herdada ou inata, a qual determina ao indivíduo dar atenção à objetos de certa classe, experimentar uma excitação emocional de determinada qualidade e atuar em relação de um modo particular,



experimentando um impulso para tal ação (Murray, 1967; 1983), a **Teoria do Impulso** que vê a motivação como uma direção, um estado interno, necessidade, ou condição que impele indivíduos para ação (Covington, 2000) e a **Teoria da Hierarquia das Necessidades** composta de cinco necessidades fundamentais, fisiológicas (segurança, amor, estima e auto-realização) organizadas de forma tal que a manifestação de uma necessidade se baseia na satisfação prévia de outra mais importante (Maslow, 1970).

Entretanto, teorias modernas com foco na motivação são citadas por Eccles & Wingfield (2002), tais como a de **Teoria de Convicções Individuais** sobre a competência e a eficácia (ex.: Teoria de Auto-Eficácia de Bandura; 1997), **Teoria de Valores** (ex.: Teoria de Auto-Valor de Covington; 1992 ) e **Teoria de Metas** de ação (ex: Teoria de Metas de Duda; 1989).

Outras duas teorias também merecem ser ressaltadas Eccles & Wingfield (2002) cita a **Teoria de Auto-Determinação** de Deci & Ryan (1985), respostas reagentes dos indivíduos a pressões externas ou internas e a **Teoria de Fluxo** de Csikszentmihalyi (1988) ênfase em comportamentos intrinsecamente motivados por experiência subjetiva imediata ou auto-determinadas, a **Teoria da Motivação Intrínseca** considera que os indivíduos buscam realizar sua tarefas com interesse e satisfação e **Teoria da Motivação Extrínseca** representa a realização de uma atividade por razões externas, tais como receber uma recompensa.

Em suma, foram relacionadas aqui algumas propostas teóricas as quais são relevantes no comportamento do indivíduo. Sendo o mote de discussão deste estudo no âmbito do esporte, considerou-se relevante situar agora, especificamente, a motivação no meio esportivo, de modo que serão tratados também a motivação intrínseca, a motivação extrínseca, conceitos e relações com demais teorias.

## **Motivação no Esporte**

Entendendo o esporte como um campo de ação e de vivência do qual, o indivíduo participa voluntariamente, numa escala tão ampla de atividades físicas, com uma variedade das razões, torna-se pertinente saber que motivos esses indivíduos dispõem para a ação desportiva e por que as praticam.

Nesta proposta, é que investigadores enfocaram em estudos diversos a descrição das influências dos motivos sobre o comportamento do indivíduo, bem como no desportista, fazendo da motivação no esporte uma área sujeita a muitas pesquisas nos últimos anos (Brânquia; 1983).

Cedo surge nos adolescentes o desejo de praticar um determinado esporte. Cerca de 25 milhões de crianças, em todo o mundo, estão inseridas numa atividade esportiva (Weinberg & Gould; 2001). Contudo, esse efetivo, demonstra que as crianças atribuem à prática esportiva, um valor representativo em suas vidas, especialmente porque, se refletirá no seu cotidiano infanto-juvenil.

Sperling (1999) diz que a partir dos cinco anos de idade, os jogos na vida da criança começam ter uma maior influência, interessando-se pelos jogos de sua vizinhança, criando a oportunidade de disputar em pares ou times. As escolhas nem sempre estão baseadas em seus interesses, a criança quer na verdade dominar o jogo, aprender a limitar seus esforços a seu próprio papel, descobrindo o prazer na cooperação e na competição.

A motivação na área da Psicologia do Esporte infanto-juvenil vem procurando estabelecer os aspectos motivadores que crianças e adolescentes têm quando iniciam, continuam ou desistem da prática de atividades esportivas.

Para Stratton (1996a) cada indivíduo tem seus ou suas próprias respostas para escolha do esporte. Compreender suas razões para querer jogar

um esporte é uma das primeiras etapas críticas para os iniciantes, os professores podem ajudá-los a ter as melhores experiências possíveis no esporte, se esta for a melhor escolha.

Nakahara (2003) comenta a necessidade de orientar melhor os docentes para que possam atuar na motivação das crianças em busca de um dado esporte ou na permanência de sua prática ao longo do tempo. Isto implica em cuidar dos aspectos psicológicos na formação do professor, o que parece não estar sendo devidamente cuidado no Brasil.

Seguindo esta mesma linha de contribuição a criança, reforça-se a importância da participação dos pais, para Simões (2002) tanto a ajuda direta quanto o incentivo dos mesmos constituem processos de interação. Estes são procedimentos essenciais para que as crianças adquiram consciência participativa no meio esportivo.

Aspectos variados que envolvem a participação de crianças no esporte de competição diferem em alguns pontos, segundo os gêneros. Para Weiss (1993) três fatores são identificados como os maiores responsáveis pelo início da atividade esportiva em crianças: (1) modelo e reforço de familiares e professores; (2) abertura e envolvimento para mostrar habilidades motoras e (3) características que variam de gênero, etnia e classe social, entre outros.

Bock (1999) trata a família e os amigos como um dos dois grupos de onde surgem as maiores pressões para o adolescente se referenciar no momento de fazer uma opção. Geralmente, os amigos apresentam referência positiva, a serem adotadas pelo adolescente e, a família pode eventualmente, fornecer referências que o fazem rejeitar determinadas escolhas, uma vez que, o grupo da família é mais complexo e permanente, enquanto que o grupo de amigos opcional e flutuante.

É a que família auxilia a criança e o adolescente a satisfazer as suas necessidades básicas, passando-lhes também padrões culturais, sociais, preventivos, preparando-os juntamente com outras instituições, para a prática das funções adultas, e neste caso por que não dizer aos benefícios da prática esportiva. É a família, portanto, que prepara e dá o alicerce para a vida na sociedade em geral (Rosa, 1986; Luisi e Cangelli, 1997).

Em estudo piloto realizado pela autora desta pesquisa (Lamenha, 2003), tendo como foco a motivação de adolescentes praticantes de futebol, desvendou os fatores motivacionais mais representativos nestes sujeitos, divididos em dois grupos segundo suas idades, onde MA foi representado por atletas de 11 a 12 anos e MB por atletas de 13 a 14 anos. Os resultados apresentados foram que os desportistas que praticam o futebol nos dois grupos (MA e MB) mostraram que na primeira análise a família e amigos são os maiores influenciadores na escolha por um esporte.

Scanlan (1993) confirmam que o incentivo de parentes e de professores são fatores motivacionais encontrados nas crianças.

Na análise foi demonstrado também, que o maior objetivo dos desportistas de ambos os grupos ao praticar o futebol é o lazer, contudo, uma peculiaridade para o MB, foi também a competição e os ídolos, dados significativos que apareceram em suas respostas. Conforme Buonamano e Mussino (1995) em sua pesquisa sobre motivação, 49, 2% atribuem a diversão, como razão principal de crianças, na prática inicial de esportes. Para De Rose (1999), os ídolos influenciam diretamente as crianças e os adolescentes, que vêm um vínculo de aproximação com o esporte.

Concluiu-se no estudo piloto que os fatores mais estimulantes para ambos os grupos estudados, foram os campeonatos com maior incidência nas respostas.

Buonamano e Mussino (1995) encontraram na sua pesquisa que cresce de acordo com a idade dos atletas, a relevância das razões competitivas.

Os grupos MA e MB alocaram os fatores que mais desestimulam os desportistas indicando as derrotas com maior número de respostas. Weiss (1993) constatou que existem vários motivos para a desmotivação no esporte, sendo as derrotas nas competições um dos fatores citados pelos atletas.

O adolescente tende a buscar apoio emocional nos amigos, mais do que propriamente na família. Os grupos de amigos ajudam a definir a identidade dos adolescentes, sobretudo a alcançar autonomia própria. A família e o grupo de amigos são sem dúvida alguma, apontados (Bock, 1999).

A influência do meio social para o entendimento dos adolescentes nos processos psicológicos dentro do esporte é um ponto importante dentro do processo de motivação na prática esportiva.

Murray (1967; 1986) apresenta, em sua lista de necessidades e condutas em situações esportivas, a que o atleta tem de ser aceito, formar relações afetivas com os outros, ser amável e cooperativo.

Gouvêa (1996) lembra a pesquisa de Bustad (1990) em que verificou que o esporte faz parte de modelos de socialização e processos motivacionais em adolescentes, uma peculiaridade é que existe relação entre comportamento socializados e desenvolvimento de auto-percepção em adolescentes que se relacionam a padrões motivacionais.

Stratton (1996b) comenta que a socialização é um valor importante na participação dos adolescentes em esporte, embora este não seja relacionado como um dos motivos principais entre os adolescentes na escolha do esporte.

Contudo, o mesmo autor cita que pesquisas recentes (sobre a participação dos adolescentes em esportes) mostraram que as razões relacionadas à socialização não aparecem entre os motivos principais dos adolescentes. Divertimento, aprender habilidades, desenvolver a aptidão e participar em competições foram as razões relacionadas com maior incidência. Stratton (1996b, p. 2) concluiu que:

*Os iniciantes querem uma oportunidade de participar de esportes de competição, desenvolver habilidades e a aptidão, as quais permitem que as mesmas joguem eficazmente, e, sobretudo tenham o divertimento de o fazer.*

Weinberg e Gould (2001) citaram a pesquisa de Ewing e Seefeld (1989) com crianças atletas de esportes escolares<sup>1</sup> e de esportes não escolares<sup>2</sup> de ambos os sexos, de modo que foram identificadas algumas diferenças nas razões que motivam a prática do esporte. No entanto, apesar das características variarem entre os atletas de esporte escolar e não escolar e também entre os gêneros, de acordo com o nível de importância para cada grupo, observar-se que o motivo ter diversão no esporte foi o mais significativo para todos os grupos relacionados, o que não dependia do gênero e do local da prática da atividade.

Já para estudos realizados com atletas infanto-juvenis motivação para a participação no esporte, Weiss (1993) descreve alguns fatores importantes, que foram reunidos em quatro níveis, são eles: (1) competência (aprender e desenvolver habilidades, atingir objetivos pessoais); (2) afiliação (ter amigos ou fazer novas amizades, ser componentes de uma equipe ou um grupo); (3) competição (ter status, vitórias, ter sucesso) e (4) diversão (estímulo, desafio, ação). É importante considerar que todas essas questões motivam crianças e adolescentes a prosseguirem na prática do esporte após certo período.

---

<sup>1</sup> Esportes escolares são passíveis de prática no contexto das escolas comuns (exemplos: handebol, voleibol, basquetebol etc)

<sup>2</sup> Esportes não escolares são aqueles que requerem ambientes especiais não encontrados nas escolas comuns (exemplos: equitação, kart etc)

Ferraz (2002) diz que a competitividade adquirida no esporte pode ser transferida também, para a vida em sociedade, sobretudo na carreira profissional, preparando a criança e o adolescente para enfrentar a vida mais adequadamente.

Outros estudos a respeito da motivação, concluíram que existem inúmeros motivos relacionados ao comportamento dos indivíduos nos esportes. Entre eles, os que despertaram maior interesse dos estudiosos foram os motivos de aflição, de poder e de realização. De acordo com Winterstein (1992) este último, interessa pelo seu significado no esporte.

O motivo de realização é responsável pelo desencadeamento de ações que têm em suas características a busca da realização de rendimentos. Heckhausen (1965) diz que a motivação para a realização é um conjunto de ações que visa a melhoria ou a manutenção da performance nas atividades, nas quais existe uma norma de qualidade, alcançada pela prática influenciando no sucesso ou no fracasso.

O medo do fracasso e a expectativa do sucesso têm interferências muito representativas para o comportamento dos indivíduos, especialmente para desportistas envolvidos com atividades de alto rendimento.

Para Weinberg e Gould (2001), quatro teorias da motivação para a realização surgiram com o intuito de explicar o que motiva as pessoas e seus comportamentos: a Teoria da necessidade de realização, a Teoria da atribuição, a Teoria das metas de realização e a Teoria da motivação da competência.

A *Teoria da Necessidade de Realização* considera como variáveis de prognóstico do comportamento, fatores pessoais e situacionais (aspectos da personalidade e motivos, tendências resultantes, reações emocionais e comportamentos relacionados a realização, como componentes que constituem

essa teoria), a teoria oferece como contribuição importante a preferência entre tarefas e as previsões de desempenho (Weinberg & Gould, 2001).

A *Teoria da atribuição* focaliza como as pessoas explicam seus sucessos e fracassos, classificados em três categorias: estabilidade (razoável, permanente ou estável), locus de causalidade (causas do comportamento interno ou externo) e locus de controle (fator que pode estar ou não sob controle do atleta). As atribuições são importantes porque afetam as expectativas de sucesso futuro ou de fracasso e as reações emocionais (Weinberg & Gould, 2001).

Os atributos internos correspondem a esforços e habilidades, e os atributos externos correspondem a fatores como sorte, melhor habilidade por parte do adversário, ou um maior esforço deste. Este desnivelamento de atribuições causais pode ser justificado pela motivação do indivíduo. O indivíduo motivado para o fracasso, deve corrigir e adequar sua atribuição causal, motivando-se para o sucesso, sabendo de certa maneira, lidar com o fracasso, tendo-o como passageiro, onde as causas do insucesso foram externas e instáveis, sendo necessariamente superáveis (Cratty, 1984).

De acordo com a *Teoria de metas de realização*, são três os fatores que determinam a motivação de uma pessoa, a saber: metas de realização, a percepção da capacidade e o comportamento frente a realização.

Sobre os objetivos de realização, vale dizer que as pessoas podem orientar seus objetivos tanto para o resultado como para a tarefa. A orientação para o resultado focaliza a comparação de si mesmo com outros no intuito de derrotá-los. Já, a orientação para a tarefa focaliza-se na procura de melhorar os próprios desempenhos anteriores. Contudo, e igualmente possível a orientação tanto para o resultado, como para a tarefa é possível, porém segundo pesquisas, a orientação para metas de realização na maioria das pessoas tende a ser maior em uma das opções (Weinberg & Gould, 2001).



Em relação à percepção da capacidade, quando as pessoas são orientadas à tarefa escolhem adversários moderadamente difíceis ou reais, elas não temem fracassos, porque se baseiam em padrões próprios de referência, é mais fácil para as pessoas sentirem-se bem em relação a elas mesmas, pois demonstram alta percepção de competência em relação a pessoas que são orientadas ao resultado, uma vez que focalizar o desempenho pessoal oferece maior controle, os indivíduos se tornam mais motivados e persistem por mais tempo diante de fracassos.

O comportamento frente à realização orientada à tarefa abrange padrões motivacionais mais adaptativos, isto é, atitudes positivas, aumento do esforço. Contudo, com a orientação ao resultado, acontece o contrário com os padrões motivacionais, ocorrendo baixa de persistência, esforço diminuído e atribuições de falhas a baixa capacidade (Weinberg & Gould; 2001).

A *Teoria da motivação para competência* é a teoria usada para explicar diferenças no comportamento frente à realização, principalmente em crianças (Weinberg & Gould, 2001). Esta teoria afirma que as percepções de controle dos atletas interagem com avaliações de autovalor e de competência para influenciar a motivação deles. O aumento das percepções de competência e de controle deveriam ser o principal objetivo de profissionais na ciência do esporte e do exercício.

As teorias sobre motivação para realização revelam a forma com que os atletas de alto nível (ou não) de realização e de seu desempenho se sobressaem em relação a orientações e atribuições motivacionais, por meio dos objetivos que assumem, das escolhas de tarefas, das percepções de competências e de controle.

Recentemente, cresceram estudos com interesse em examinar outras relações da *Teoria de Auto-Eficácia*, um exemplo, é a relação entre auto-eficácia e

motivação. Chase (2001) diz que Bandura (1977; 1986) descreveu esta relação partindo da idéia de motivação como escolha, esforço e persistência. O autor concluiu que um indivíduo com auto-eficácia alta escolherá participar mais avidamente e com mais esforço e persiste num período mais prolongado na tarefa, do que um indivíduo com auto-eficácia baixa.

A literatura sobre a motivação e as influências da auto-eficácia (escolha, esforço, persistência) no esporte e exercício foram bastante pesquisadas. Porém, Chase (2001), afirma que poucos estudos examinaram a auto-eficácia nas crianças em atividades desportivas e físicas. A mesma autora cita alguns pesquisadores que fizeram estudos na área, como, Lee (1982); Lirgg & Feltz (1991), Chase et. al. (1994). Para entender melhor como a auto-eficácia pode variar em crianças, outras teorias de desenvolvimento, podem ser úteis para determinar como com idades de desenvolvimento diferentes desenvolvem e usam informações sobre suas habilidades físicas estudadas conforme revisão feita por Chase (2001).

Há outras teorias que também receberam atenção de pesquisadores em Psicologia do Esporte. Para Pelletier et. al. (1995) várias perspectivas conceituais foram propostas para entender melhor a motivação de atletas. Uma perspectiva considerável nesta área trata dos comportamentos motivados intrinsecamente, motivados extrinsecamente ou com falta de motivação. Esta proposição teórica tem um volume considerável de pesquisa e parece pertinente para o campo do esporte. Recentemente, uma nova medida de motivação em relação ao esporte foi desenvolvida baseada nas doutrinas da Teoria de Deci e Ryan.

Para Vlachopoulos et. al. (2000) esta área de pesquisa foi instituída, inicialmente a partir da Teoria de Auto-Determinação (Deci & Ryan, 1985, 1991; Ryan & Deci, 2000). Os autores consideraram que três diferentes forças motivacionais podem influenciar diretamente no comportamento humano: a

motivação intrínseca, motivação extrínseca e a falta de motivação. Assuntos que serão apresentados a seguir.

### *Motivação Intrínseca*

A motivação intrínseca é como um impulso pessoal, pelo qual o indivíduo busca meios ou recursos para tornar real seus objetivos, movido por uma força interna e pessoal. Pelletier (1995) cita Deci e Ryan (1985), que dizem que comportamento intrinsecamente motivado é simbolizado pela participação em uma atividade por prazer e satisfação.

Thill (1989) lembra que o esporte é uma das atividades mais marcantes em pessoas que participam por prazer, satisfação ou interesses intrínsecos.

Conforme Ferrer-Caja & Weiss (2000), a motivação intrínseca é influenciada duplamente por diferenças individuais e fatores sociais (variáveis extrínsecas). De acordo com a Teoria de Avaliação Cognitiva fatores sociais afetam a motivação intrínseca por fatores individuais como a auto-determinação e a competência. Porém, a maior parte das pesquisas tem investigado os fatores individuais e sociais separadamente, tendo se baseado na Teoria de Auto-Determinação.

Pelletier et. al. (1995) citam que uma nova taxonomia de motivação intrínseca foi postulada por Vallerand et. al. (1992), baseada na literatura de motivação intrínseca independente. Estes tipos de motivação intrínseca foram identificados como motivação intrínseca para conhecer, motivação intrínseca para realizar coisas e motivação intrínseca para experimentar excitação.

Motivação intrínseca para conhecer é evidenciada quando um indivíduo realiza uma atividade por prazer e satisfação no mesmo momento que experimenta algo novo. Este tipo de motivação intrínseca se relaciona a vários constructos como exploração, curiosidade e aprendizagem por metas. Um

exemplo deste tipo de motivação é retratado quando um atleta está intrinsecamente motivado para saber e tentar descobrir novas técnicas de treinamento.

Motivação intrínseca em direção a realizar coisas estabelece-se quando um indivíduo realiza uma atividade por prazer e satisfação, contudo esta é derivada da tentativa de realizar ou criar algo novo. Este segundo tipo de motivação intrínseca foi estudado na Psicologia do Desenvolvimento, como também em pesquisas educacionais, nas quais aparecem condições como motivação de domínio, motivação de eficácia e orientação para a tarefa. Também se inserem aqui estudos de outros autores que postularam a interação de indivíduos com o ambiente, com a finalidade de demonstrar competência e criatividade. Representa exemplo de motivação intrínseca para realizar coisas no domínio desportivo o atleta que tenta dominar técnicas mais complexas de treinamento com o objetivo de experimentar satisfação pessoal.

Por fim, motivação intrínseca para experimentar a excitação evidencia-se quando um indivíduo realiza uma atividade para experimentar sensações de estimulação, diversão e excitação. Representa este tipo de motivação a pesquisa na dinâmica e sensação holística de fluxo em sentimentos de excitação da motivação intrínseca e em experiências estéticas estimulantes. No esporte, os atletas que vivem experiências excitantes estão intrinsecamente motivados para experimentar excitação.

Petherick & Weigand (2002) citam que um indivíduo parece estar intrinsecamente motivado, quando participa de uma atividade sem interesse em alguma recompensa ou preocupação com restrições externas, porém a realiza com satisfação derivada de motivos particulares. Os mesmos autores citaram também, as pesquisas de Deci & Ryan (1980; 1985) comentando que a satisfação e o desenvolvimento de habilidade promove uma sensação de competência e auto-determinação, fator de extrema relevância para a motivação do desportista.

A Teoria de Perspectivas de Meta e de Orientação para a Tarefa tem sido relacionada com motivação intrínseca. Indivíduos orientados para a tarefa experimentam a atividade como um benefício para eles mesmos, tornando-se um elemento de interesse vital, o que corresponde a uma maior motivação intrínseca. Vale dizer que a pessoa se auto-reforça por alcançar a meta ou realizar a tarefa (Duda et. al.; 1995).

Petherick & Weigand (2002) cita que pesquisadores como Kavussanu & Roberts (1996) e Seifritz, Duda & Chi (1992) consideram que atletas que atuam em um clima de domínio orientado experimentaram uma motivação intrínseca em um nível mais alto.

### *Motivação Extrínseca*

A motivação extrínseca indica a possibilidade de que forças externas possam motivar as pessoas, desde que haja canais para isto, caracterizando-as pela busca constante por recompensas externas como ganhos financeiros, status em competições esportivas, reconhecimento público ou mesmo de pessoas de suas relações afetivas (Thill, 1989).

Machado (1995) explicou a motivação extrínseca, relativa à própria atividade da aprendizagem, não sendo o resultado de interesse, mas sim determinada por fatores externos à atividade esportiva.

Originalmente pensava-se assim sobre motivação extrínseca, fazendo referência a nenhum comportamento de auto-determinação, e sim a comportamentos motivados extrinsecamente por fatores externos, por exemplo, recompensas.

Todavia, Pelletier (1995) discute que, recentemente, Deci e Ryan (1985; 1989; 1992; 2000), junto com outros pesquisadores (Ryan, Connell & Grolnick; 1990), propuseram que existem de fato diferentes tipos de motivação extrínseca, as quais podem ser coordenadas com a auto-determinação. Estes tipos são: regulamentação externa, regulamentação introjetada e regulamentação identificada.

A regulamentação externa faz alusão ao comportamento regulado por forças externas como o salário, recompensas ou pressões coercitivas. Um exemplo deste tipo de motivação extrínseca ocorre quando os atletas participam de esportes com o intuito de receber elogios de seu treinador deste modo, são motivados por uma regulamentação ou controle externo. Especificamente neste caso, os esportes podem não representar diversão, mas, um esforço para obter recompensas ou evitar conseqüências negativas, como por exemplo, críticas dos pais.

A regulamentação introjetada diz respeito às pessoas que interiorizaram razões inicialmente externas para fazer parte de seu comportamento. Por exemplo, os atletas que participam profissionalmente de esportes sentem pressões externas para estar em boa forma, e para não sofrer qualquer constrangimento quando não alcançarem um bom resultado.

A regulamentação identificada é o último tipo de motivação extrínseca. Está em operação quando um indivíduo estima e julga um comportamento apresentando-o como escolha. A atividade é ainda apresentada por razões extrínsecas como, por exemplo, alcançar metas pessoais, porém está interiormente regulada e auto-determinada. A representação no esporte de uma regulamentação identificada ocorre quando os atletas sentem que seu envolvimento no esporte contribui para o seu crescimento e desenvolvimento pessoal.

### *Relação entre motivação intrínseca e motivação extrínseca*

O ambiente competitivo do esporte está freqüentemente associado ao uso extenso de recompensas extrínsecas como dinheiro ou troféus para encorajar a participação contínua e a motivação do desportista. As recompensas externas como tarefa podem ter influência direta na motivação intrínseca, provocando uma diminuição da mesma. Por outro lado, os desportistas estão muitas vezes animados para demonstrar suas habilidades por padrões normativos, contudo uma preocupação especial destes indivíduos, estaria em obter avaliações favoráveis relativas a sua habilidade, em lugar de melhorias pessoais. Deste modo, ocorreria provavelmente, uma diminuição da auto-determinação e da motivação intrínseca (Petherick & Weigand; 2002).

Os defensores das recompensas externas enfatizam o aumento não só da motivação, como também a intensificação da aprendizagem e crescimento do desejo de participação contínua do desportista. Contudo, se estas recompensas forem utilizadas de forma inadequada, provavelmente prejudicarão os resultados acarretando conseqüências negativas para os desportistas (Weinberg & Gould, 2001).

Conforme, Vallerand e Fortier (1998) existem duas teorias essenciais sobre a relação entre motivação intrínseca e motivação extrínseca. A primeira teoria considera a relação como a combinação de ambas as motivações, tendo como possível resultado níveis mais altos de motivação (Porter & Lawler, 1968). A outra teoria apoia a natureza interativa da relação entre as motivações, ou seja, quando um tipo de motivação é alto, o outro é baixo (Lepper & Hodell, 1989).

Vallerand e Fortier (1998) sugeriram que a relação deve depender do tipo de motivação extrínseca envolvida e do nível de generalização do estímulo externo. Sobre os níveis de generalização em processos motivacionais, Vallerand (1997; 1998) descreveu os refletidos em modelos de motivação intrínseca e de

motivação extrínseca, ou seja, o tipo de personalidade, o nível de domínio da contextualização e a variável situacional.

O nível contextual requer que a motivação intrínseca se mostre em uma relação aditiva de auto-determinação com a motivação extrínseca, como por exemplo, o regulamento identificado. Como os dois tipos de motivação são auto-determinados por natureza, considera-se que a relação entre motivação intrínseca e motivação extrínseca ocorreram também em formas não auto-determinadas como por exemplo, na regulamentação externa e na regulamentação introjectada, sendo ortogonal ligeiramente negativa. Pelletier et. al. (1995) consideram que entre as formas não auto-determinadas de motivação extrínseca e as três formas de motivação intrínseca cabem as suposições feitas por Vallerand e Fortier (1998).

### *Falta de Motivação*

Pelletier (1995) diz que a falta de motivação refere-se aos indivíduos que não percebem contingências entre suas ações e os resultados de suas ações, experimentam sentimentos de incompetência em relação aos resultados de suas ações. Para o esporte, quando os atletas estão em tal situação, os mesmos não identificam quaisquer boas razões para continuarem treinando.

Vlachopoulos et. al. (2000) citam que Deci & Ryan (1985), dizem que a ausência de elementos para justificar um comportamento particular do indivíduo é representando pela falta de motivação. Os sentimentos de ausência de motivação são associados com falta de competência e expectativas entre o comportamento e o resultado.

Petherick & Weigand (2002) citam a falta de motivação evidente quando os indivíduos não são capazes de identificar qualquer motivo para realizar uma atividade, conseqüentemente, estes indivíduos não estão nem motivados intrinsecamente e nem motivados extrinsecamente.



Para Pelletier (1995), os estudos Deci e Ryan (1985) sobre as abordagens motivacionais, foram importantes porque tipos diferentes de motivação foram associados com conseqüências psicológicas importantes e porque os determinantes destes tipos diferenciados de motivação foram identificados.

### *Motivação no Treinamento Esportivo*

O trabalho desenvolvido no treinamento esportivo consiste, precisamente, encontrar caminhos que em cada caso conduza ao êxito, bem como em definir a forma pela qual cada desportista deve recorrer de modo a garantir sua permanência e sucesso no esporte.

Becker Jr. e Samulski (1998) dizem que a motivação é um fator significativo e de essencial importância para o sucesso no esporte, como fonte de técnicas de preparação psicológica para o aperfeiçoamento do atleta.

A motivação também é um reforço ao esporte, uma vez que Weimberg & Gould (1995), comentam que a motivação pode afetar na seleção, na intensidade e na persistência do indivíduo, consideram que ela interfere diretamente na qualidade e rendimento do atleta.

O que se pode observar é que existe uma relação entre a motivação e o rendimento esportivo, porque, indicadores muito baixos ou muito altos de motivação implicam em rendimentos baixos, uma relação média parece favorecer um rendimento máximo.

Segundo Samulski (1992), o objetivo do ensino e treinamento deve se desenvolver no atleta a capacidade de auto-controle, auto-motivação (motivação intrínseca) e a capacidade de assumir responsabilidade em situações de fracasso.

Os profissionais responsáveis pelos atletas podem desempenhar papéis representativos na preparação dos atletas, incentivando e criando meios para aumentar a motivação dos mesmos, sobretudo para a realização dos praticantes.

Para Vallerand (1994), a motivação depende em parte, do modo como é realizado o planejamento técnico dos atletas. Nesse contexto, o autor enumera que quando o técnico não oferece um bom planejamento, com uma planilha dos objetivos a serem cumpridos, como por exemplo, o calendário das competições, o atleta sente-se desmotivado.

Wintertein (1992, p.14) comenta o desenvolvimento adequado da realização dizendo que:

*... o motivo de realização não deve ter como objetivo o aumento máximo dos atletas, mas sim, seu convívio maduro e menos traumático com situações de competição e rendimento.*

Os treinadores devem buscar desenvolver suas técnicas trabalhando em estratégias que possam melhorar específicas características motivacionais dos seus desportistas.

Vallerand (1994) estudando nadadores canadenses no início de temporada competitiva constatou que apenas 30% do efetivo inicial chegava ao final da temporada. A análise para saber o porquê, da desmotivação generalizada dos nadadores, foi que os próprios treinadores não desenvolveram estratégias motivacionais para os seus atletas.

Arantes (2002) pesquisou sobre motivação em 38 nadadores de alto rendimento e concluiu que em atletas com mais de 8 anos de prática na natação, os pais são os maiores responsáveis pelo incentivo à prática, o técnico é o maior

responsável pela motivação de seu atletas nas etapas de treinamento, e a escolha do esporte está relacionada à realização pessoal, a variável mais importante para a motivação dos atletas é a competição, em segundo lugar estar entre amigos. Outro fator de relevância foi constatado por Arantes, foi que no dia anterior a competição a presença do psicólogo foi imprescindível e unânime, pois a ansiedade alcançou o maior índice.

Peruchi (2001) estudou atletas de basquetebol no alto rendimento e traçou o perfil motivacional das equipes, constatando que foi predominante na pesquisa, como motivo para a escolha e manutenção da prática no esporte as variáveis pessoais, isto é, variáveis que denotam uma alta motivação intrínseca. O mesmo autor diz que os responsáveis pelo treinamento esportivo de seus atletas tenham maior atenção para a questão motivacional, sobretudo a motivação intrínseca, devido a importância que esta representa na carreira do atleta.

Em virtude disso, a preparação de um atleta quando enfatiza os componentes físicos, técnicos e táticos, muitas vezes não favorece o lado psicológico do desportista. O fator psicológico é inerente e indissociável a este processo de preparação, sobretudo na garantia do rendimento e performance, não pode ser esquecido. Sobre o treinamento psicológico, Becker Jr. e Samulski (1998, p. 26) o define como:

*É um programa de preparação composto por diferentes técnicas que proporcionam ao atleta ou praticante de exercício a aprendizagem, manutenção e aperfeiçoamento psicofísico.*

Pode-se dizer, segundo Cratty (1984), que os treinadores para poderem obter sempre em nível elevado na performance ou eficácia do atleta, devem atentar, de modo claro e objetivo, para as informações sobre interação com pessoas (no caso, atletas) e organizar um plano de trabalho de acordo com a realidade enfrentada. Entretanto, conhecer a personalidade do atleta ou do grupo

que irá trabalhar é um ponto essencial para começar a desenvolver um trabalho de motivação com os mesmos.

Becker Jr. e Samulski (1998, p.26) cita que o objetivo e a meta do treinamento psicológico é fundamentalmente:

*... a modificação dos processos e estados psíquicos (percepção, pensamento, motivação), ou seja, as bases psíquicas da regulação do movimento. Esta modificação será alcançada com ajuda de procedimentos psicológicos.*

Para que os desportistas obtenham o nível mais alto possível de desempenho e atinjam os objetivos, algumas medidas psicológicas de treinamento podem ser trabalhadas. A motivação é uma questão presente na preparação física e psicológica do atleta, as quais inferem representativamente, no rendimento com a prática esportiva.

**OBJETIVOS**

## **Objetivo Geral**

Como objetivo geral, pretendeu-se identificar a motivação em desportistas que pratiquem o handebol.

## **Objetivos Específicos**

Os objetivos específicos implicam em:

- Descrever o envolvimento de atletas masculinos e femininos de escolas públicas e privadas com a prática do handebol;
- Verificar aspectos da motivação (intrínseca e extrínseca) dos participantes masculinos e femininos para a prática do handebol, comparados entre si.

**MÉTODO**

## **Instituições**

Os dados desse estudo foram coletados em duas escolas de capital nordestina, sendo uma da Rede Pública de Ensino e outra da Rede Privada. A primeira atende a alunos do Ensino Fundamental em um total de 506 estudantes. Atuam na escola um diretor e um vice-diretor, um coordenador pedagógico e 14 professores, deles três são professores de Educação Física e um o técnico de handebol para as equipes masculina e feminina. A segunda escola atende alunos do Ensino Infantil ao Ensino Médio em um total de 1740 estudantes. Atuam na escola um diretor e um vice-diretor, sete coordenadores, sendo um deles o coordenador de esportes e 100 professores, tendo também 13 técnicos um para cada modalidade esportiva, entre eles dois são técnicos de handebol, um para a equipe masculina e outra para a feminina.

## **Participantes**

O estudo contou com uma amostra de 38 atletas de handebol (Anexos 5,6,7,8) na categoria iniciante, com idades entre 11 a 14 anos, de ambos os sexos. Os atletas foram divididos em dois grupos: Escola Pública (EPu/ N= 18) e Escola Privada (EPr/ N= 20).

A distribuição dos atletas nos grupos, foi realizada mediante a variável gênero, sendo no grupo EPu a subdivisão: EPu M para o sexo masculino e EPu F para o sexo feminino, o mesmo foi realizado com o grupo EPr, dividido em: EPr M para o sexo masculino e EPr F para o sexo feminino.

A amostra se caracteriza no subgrupo EPu M com nove atletas com média de idade de 13 anos e 3 meses e todos cursando o ensino fundamental. Quanto aos pais, encontravam-se principalmente empregados (86%) e com renda média de R\$ 560,00 reais e predominância na escolaridade do ensino



fundamental incompleto para os pais (33%) e para as mães (55%). Para o subgrupo EPu F com nove atletas com média de idade de 13 anos e 3 meses estavam todos cursando o ensino fundamental. Quanto aos pais, estavam principalmente empregados (55%) e com renda média de R\$ 500,00 reais e predominância na escolaridade do ensino fundamental incompleto para os pais (55%) e para as mães igualdade na incidência da escolaridade para o ensino fundamental incompleto (33%), assim como do ensino médio incompleto (33%) e ensino médio completo (33%).

O subgrupo EPr M contou com 10 atletas com média de idade de 12 anos e 3 meses e todos cursando o ensino fundamental. Quanto aos pais, todos encontravam-se principalmente empregados (100%) e com renda média de R\$ 11.000,00 reais e predominância na escolaridade do ensino superior completo para os pais (70%) e para as mães (90%). Para o subgrupo EPr F com 10 atletas a média de idade foi de 12 anos e um mês e todos, estando cursando o ensino fundamental. Quanto aos pais, 100% estavam empregados e com renda média de R\$ 3.800,00 reais e predominância na escolaridade do ensino superior completo para os pais (90%) e para as mães (90%).

## **Material**

Para esta pesquisa foram utilizados dois instrumentos para coleta de dados: um questionário e a Escala de Motivação para o Esporte.

### *Questionário*

O questionário (Anexo 1) objetivou conhecer os elementos determinantes do perfil dos participantes, tais como: características demográficas (idade, sexo, grau de escolaridade), tipo de escola e características dos pais, como também tempo de prática no handebol, motivos da escolha do handebol e os objetivos que eles pretendiam atingir com a prática do mesmo, assim como

fatores estimulantes de desestimulantes na prática do handebol. O questionário foi escolhido por sua maior praticidade e utilização, tendo em vista o número de participantes envolvidos, bem como a disponibilidade para a coleta.

O instrumento ficou composto por onze questões objetivas, que foram respondidas individualmente pelos participantes na presença da pesquisadora. Estas perguntas foram elaboradas considerando a necessidade de se compreender a representação dos atletas praticantes de esportes, especificamente do handebol. O instrumento foi pré-testado com três adolescentes similares aos que participaram na pesquisa.

#### *Escala de Motivação para o Esporte (SMS)*

Para compreender o comportamento dos indivíduos no contexto esportivo, no caso específico do handebol, foi empregada a Escala de Motivação para o Esporte-SMS (Anexo 2). A Escala foi elaborada por Pelletier (1995), solicita que o atleta avalie as razões que ele tem para praticar o seu esporte. Responde a 12 perguntas refletindo as três formas de motivação intrínseca (MI) (MI para conhecer, MI para realizar coisas, MI para experimentar excitação), o mesmo é feito para a motivação extrínseca (regulamentação externa; regulamentação introjectada e regulamentação identificada) e finalmente, aparecem quatro perguntas refletindo a falta de motivação. A escala é marcada calculando uma pontuação média para cada uma das sete sub-escalas.

Na tradução do instrumento, houve 85% de concordância entre os dois tradutores, nas questões em que não houve acordo, foi feita uma revisão conjunta e adotada a tradução por consenso.

### *Termo de consentimento livre e esclarecido*

Consistiu em duas cartas de autorização para realização da pesquisa, sendo uma da direção da escola (Anexo 3) e outra dos pais ou responsáveis pelos atletas (Anexo 4).

### **Procedimento**

A seleção das escolas envolvidas na pesquisa foi feita por meio da Secretaria de Educação de um Estado do Nordeste. A partir de uma lista de escolas da capital do estado foram sorteadas duas escolas, uma da rede pública e outra da rede privada de ensino.

As escolas deveriam abranger o Ensino Fundamental, sobretudo nas atividades esportivas, a prática do handebol. Foram feitas visitas às duas escolas, apresentou-se o projeto e a pesquisadora ficou à disposição para qualquer esclarecimento sobre a pesquisa. Apresentou-se também um termo de consentimento livre e esclarecido para realização da mesma. Após concordarem em participar e terem assinado o termo de consentimento foram incluídas na pesquisa.

A participação dos atletas foi feita mediante a autorização de seus pais ou responsáveis. O processo de coleta de dados foi realizado da mesma forma com ambas as escolas, apenas para facilitar a coleta foram organizados em datas diferentes para a aplicação dos instrumentos nos subgrupos (EPu M, EPu F, EPr M e EPr F) respectivamente. Os atletas que estavam autorizados por seus pais a participarem da pesquisa foram reunidos em uma sala, receberam instruções a respeito do estudo e dos instrumentos que seriam respondidos individualmente pelos participantes. A pesquisadora destacou a importância da participação voluntária e garantiu mais uma vez sigilo e anonimato sobre a identidade dos

participantes, assim como do estabelecimento de ensino, podendo os mesmos desistirem em qualquer momento da coleta.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados da pesquisa foram obtido a partir do Questionário para Praticante de Handebol (Anexo 1), por meio do qual foi possível especificar cada subgrupo envolvido na pesquisa, bem como registrar as características da amostra e os dados sobre a prática do handebol. As informações gerais sobre as características demográficas dos atletas (idade, sexo, grau de escolaridade), tipo de escola e dados dos pais (escolaridade, profissão e renda familiar) foram apresentados no método.

### *Questionário para Praticantes de Handebol*

Os escores assinalados sobre a prática do handebol informados pelos atletas, como tempo de prática, motivos da escolha do handebol e os objetivos que eles pretendiam atingir com a prática do mesmo, assim como fatores estimulantes e desestimulantes na prática do handebol, propostas na segunda parte do questionário são apresentados nas Tabelas de 1 até 10.

Na **Tabela 1**, foi destacado o tempo de prática do handebol pelos atletas dos subgrupos (GPu M, GPu F, GPr M e GPr F).

**Tabela 1 – Tempo de Prática de handebol pelos subgrupos**

Grupo	Tempo									
	- 1 ano	%	1 a 2 anos	%	3 a 4 anos	%	4 a 5 anos	%	+ 5 anos	%
GPu M	2	22	1	11	3	34	1	11	2	22
GPu F	3	33	5	56	1	11	-	0	-	0
GPr M	1	10	9	90	-	0	-	0	-	0
GPr F	1	10	4	40	-	0	2	20	3	30
Total	6	100	19	100	4	100	3	100	5	100

Conforme se observa, os subgrupos estão predominantemente praticando o esporte principalmente de 1 a 2 anos, apenas o subgrupo GPu M tem

sua maior concentração no período de 3 a 4 anos, com frequência mais alta (34%), mas a distribuição abrange todas as categorias, indo de menos de 1 ano a mais de 5 anos de prática. Para GPu F, as categorias de menos de 1 ano (33%) e de 3 a 4 anos (11%) também foram evidenciadas. A concentração maior no período de 1 a 2 anos foi verificada no subgrupo GPr M (90%), havendo também uma baixa frequência no período de menos de 1 ano (10%) e nenhuma participação nas demais categorias. O mesmo se repetiu para o subgrupo GPr F, apresentando sua maior frequência no período de 1 a 2 anos (40%), houveram também indicações para menos de 1 ano (10%), 4 a 5 anos (20%) e mais de 5 anos (30%), apenas a categoria de 3 a 4 anos não foi relacionada pelo subgrupo.

Foi feita também uma análise estatística para verificar se as concentrações em algumas categorias alcançaram o nível de significância. Recorreu-se ao Teste de  $X^2$  (Siegel, 1954), adotando-se o nível de significância de 0,05. Por  $H_0$  estabeleceu-se que  $X^2$  seria equivalente a zero e por alternativa que seria diferente deste valor. O  $X^2$  foi feito em relação ao total de categoria na análise relativa de tempo, foi encontrado o  $X^2_{c} = 16,74$  (n.g.l.= 5), o que permitiu concluir que a concentração de 1 a 2 anos é significativa, ou seja, trata-se de um grupo realmente de iniciantes, embora entre os sujeitos haja adolescentes mais experientes.

É importante considerar que grupos de atletas iniciantes merecem atenção especial, pois este período será decisivo na vida esportiva do atleta, sobretudo porque os mesmos valorizam a prática de um esporte. Para manutenção da prática, da motivação e do prazer vai ser importante neste início o incentivo e o comportamento de seu desenvolvimento, no sentido de atender às necessidades reais que venham a surgir.

Destaca-se a necessidade da presença de uma equipe multidisciplinar e os papéis que cada um deve proceder nesta fase junto aos atletas, isto é, a participação do técnico no planejamento adequado dos treinamentos, elaborando

programas que sejam adequados a cada faixa etária e nível de maturação, contudo ressalta-se também o papel do psicólogo do esporte na preparação psicológica dos mesmos, auxiliando-os para que estes possam ter as melhores formas de adaptação nas experiências vividas no esporte praticado, que desenvolvendo autocontrole, auto-eficácia e aprendam a desenvolver um comportamento com instrutivo dentro de uma equipe.

Nestas circunstâncias, os sujeitos foram argüidos sobre se sofreram alguma influência na escolha do esporte que praticavam.

**Tabela 2 – Influência na Prática do handebol pelos subgrupos**

Grupo	Influência			
	Não	%	Sim	%
GPu M	4	44%	5	56%
GPu F	4	44%	5	56%
GPr M	5	50%	5	50%
GPr F	5	50%	5	50%
Total	18	100%	20	100%

A análise estatística empreendida com relação aos dados apresentados na **Tabela 2** mostrou não haver diferença significativa entre os subgrupos no que se refere a influência sofrida pelos atletas. Não obstante, ressalta-se o fato de que em quase 50% dos casos (44% entre os atletas de escolas públicas e 50% entre os atletas de escolas particulares) não foi detectada influência sobre a escolha esportiva dos atletas, isto é, em todos os subgrupos aproximadamente metade dos atletas declarou não ter sofrido alguma influência no tocante a escolha do handebol. O que pode estar acontecendo é que os atletas não estejam cientes de variáveis que influem em suas escolhas ou que estejam procurando firmar sua autonomia ou independência, comportamentos típicos da adolescência (M. Buriti, 1997)



Os jogos na vida da criança começam ter uma maior influência a partir dos cinco anos de idade, interessando-se pelos jogos de sua vizinhança, criando a oportunidade de disputar em pares ou times, como afirma Sperling (1999). As escolhas nem sempre estão baseadas em seus interesses, a criança quer na verdade dominar o jogo, aprender a limitar seus esforços a seu próprio papel, descobrindo o prazer na cooperação e na competição. Os pais na verdade, devem receber e entender que a participação dos filhos nas atividades grupais é de grande valia para o seu desenvolvimento social, aprendendo lições valiosas sobre igualdade e cumprimento às regras estabelecidas.

Sabendo-se que é comum acontecer entre as crianças a desistência ou a troca do esporte inicialmente escolhido, pode-se então considerar a influência do professor junto a estes atletas algo relevante a medida em que ele, por meio de seus conhecimentos, pode vir contribuir para uma escolha mais adequada, considerando seus talentos e habilidades na realização dessas atividades.

O reforço oferecido pelo professor junto aos atletas auxilia no processo de escolha e, sobretudo favorece na compreensão das próprias razões dos atletas, apresentadas quando iniciam uma atividade esportiva (Stratton 1996a). É preciso orientar melhor os docentes para que possam atuar na motivação das crianças em busca de um dado esporte ou na permanência de sua prática ao longo do tempo. Isto implica em cuidar dos aspectos psicológicos na formação do professor de Educação Física, o que parece não estar sendo devidamente cuidado no Brasil (Nakahara, 2003).

Nesta linha de raciocínio, também o psicólogo atuando cooperativamente pode fazer uma avaliação psicológica para verificar a adequação das exigências (competências e habilidades) do esporte às características pessoais do adolescente, reorientando sua escolha se for necessário. Os testes psicológicos e outros instrumentos passam a ser recursos

na identificação dessas potencialidades e/ou dificuldades, as quais poderão ser desenvolvidas e encaradas como sintomas de conflitos, estresse e outros, os quais a equipe interdisciplinar precisa aprender a trabalhar em conjunto. Por sua vez, o psicólogo pode orientar o técnico e o professor sobre as estratégias de motivação com melhor potencial de ajuda para cada atleta e a equipe como um todo.

Posto isso, é importante observar, por outro lado, que o restante dos atletas declarou ter sofrido alguma influência em relação a sua escolha desportiva, o que torna imprescindível analisar as fontes que influenciaram os atletas na escolha pela prática do handebol.

**Tabela 3. Influenciadores na Prática do handebol pelos subgrupos (\*)**

Grupos	Influenciadores					
	EF	%	A	%	F	%
GPu M	3	75%	2	16%	-	-
GPu F	-	-	5	38%	-	-
GPr M	1	25%	3	23%	1	33%
GPr F	-	-	3	23%	2	67%
Total	4	100%	13	100%	3	100%

(\*) Educador Físico (EF), Amigos (A) e Familiares (F)

A partir dos dados da **Tabela 3** constata-se que os pontos consensuais em termos de influência sobre a escolha desportiva são a ausência de referências a médicos e ídolos no esporte em todos os subgrupos, e as referências aos amigos dos atletas, uma vez que dos 20 sujeitos que declararam haver sofrido influência em sua escolha esportiva, a maioria (13) identifica os amigos como uma das influências importantes, uma resposta encontrada em todos os subgrupos de atletas.

É uma tendência do adolescente buscar apoio emocional nos amigos, mais do que propriamente na família. Os grupos de amigos ajudam a definir a identidade dos adolescentes, sobretudo a alcançar autonomia própria. A família e o grupo de amigos são sem dúvida alguma, apontados por Bock (1999) como um dos dois grupos de onde surgem as maiores pressões para o adolescente se referenciar na hora de fazer uma escolha. Na maioria das vezes, os amigos apresentam referência positiva, a serem adotadas pelo adolescente e, a família pode eventualmente, fornecer referências que o fazem rejeitar determinadas escolhas, uma vez que, o grupo da família é mais complexo e permanente, enquanto que o grupo de amigos opcional e flutuante.

Avaliando-se, porém, com maior atenção essa Tabela, verifica-se ainda que o perfil de influências observado na escola pública, diferencia-se do perfil de influências observado na escola particular, na medida em os atletas da escola particular identificam a família como uma influência, o que não se verifica entre os atletas da escola pública. Isto pode estar refletindo estilos parentais diferentes, bem como, maior envolvimento dos pais da escola particular com as práticas esportivas dos filhos. Há necessidade de maiores pesquisas para aprofundar o conhecimento na área.

Neste mesmo contexto, reforça-se a importância da participação dos pais, pois segundo Simões (2002), tanto a ajuda direta quanto o incentivo dos pais constituem processos de interação. Estes são procedimentos essenciais para que as crianças adquiram consciência participativa no meio esportivo. O que é importante reforçar nos parentais é o desenvolvimento da consciência de que são responsáveis pela participação dos seus filhos/atletas no meio esportivo de competição, e que a interação em todo seu processo seria realizada com o intuito de compreender as razões da participação delas no esporte.

Nota-se também uma diferença entre o perfil observado de influências nas atletas, as quais enfatizaram apenas a influência dos amigos, e o perfil de

influências observado nos atletas (masculinos), os quais enfatizaram também a influência do educador físico. Isto segue padrões de interação professor-aluno, distintos em ambos os gêneros, mas é matéria para outra pesquisa.

A escolha exige um processo de desapego em frente às várias opções e pressões de ordem social e familiar. Diante das dúvidas e conflitos o adolescente tem que se posicionar por um objetivo a ser atingido.

**Tabela 4. Correlações entre os subgrupos: Influenciadores na prática (\*)**

	Gpu M	Gpu F	GPr M	GPr F
Gpu M	-			
Gpu F	0,37	-		
GPr M	0,37	0,12	-	
GPr F	0,50	0,87	0,50	-

(\*) N = 3, n.sig = 0,05 e rc = 0,88

As correlações das opiniões dos participantes no que se diz respeito aos influenciadores da prática aparecem na **Tabela 4**, para a qual N= 3, n. sig= 0,05 e rc= 0,88. A correlação mais baixa (ro= 0,12) ocorreu entre Gpu F e GPr M, indicando o maior entre eles. A mais alta correlação foi registrada entre GPr F e Gpu F (r= 0,87), mas nenhuma foi significativa (Siegel, 1956; Fisher e Yates, 1971). Vale dizer que não há correlação entre os grupos quando a hierarquia de influências recebida pelos jovens. A variabilidade encontrada está de acordo com as observações de M. Buriti (1997) quanto as características de jovens adolescentes.

Os dados permitiram sugerir que, ao lado da grande papel dos amigos como influenciadores motivacionais dos adolescentes, deveria existir um trabalho de conscientização partindo dos próprios professores e dos familiares sobre a relevância da prática de um esporte, haja vista a pequena participação destes como influenciadores dos sujeitos, e sabedores de que, quando entendemos o esporte como um campo de ação e de vivência e um meio de concepção de lazer

e de promoção social, atribuímos o valor e a importância que o benefício da prática pode ter sobre o atleta que inicia a carreira, e conseqüentemente, sobre sua vida e formação futura.

Neste sentido, recomenda-se que os professores e familiares propiciem aos atletas outras razões para estarem praticando o esporte, isto é, além daquelas que se relacionam com a competência técnica, há os motivos de saúde (prevenção), sociais (amizades), culturais (novas aprendizagens), lazer (viagens) entre outros meios possíveis que a situação esportiva pode oferecer.

Essa visão acerca dos benefícios da prática sobre a formação e a vida do atleta remete a uma outra preocupação da pesquisa, que se refere aos objetivos principais relatados pelos atletas praticantes do handebol, apontados na **Tabela 5**.

**Tabela 5 – Objetivo na Prática do handebol pelos subgrupos (\*)**

Grupos	Objetivos									
	ME	%	MS	%	L	%	C	%	I	%
GPu M	2	67%	2	33%	1	8%	2	33%	2	22%
GPu F	-	-	-	-	3	21%	3	50%	3	33%
GPr M	-	-	3	50%	7	50%	-	-	-	-
Pr F	1	33%	1	17%	3	21%	1	17%	4	45%
Total	3	100%	6	100%	14	100%	6	100%	9	100%

(\*) Melhorar a Estética (ME), Melhorar a Saúde (MS), Lazer (L), Competição (C) e Ídolos (I)

Em linhas gerais, pode-se verificar que o lazer é objetivo consensual entre os atletas. Entretanto, à semelhança do observado quanto aos perfis de

influências, pode-se observar diferenças e semelhanças nas configurações de objetivos apresentadas pelos subgrupos.

É interessante notar, por exemplo, as diferenças entre meninos e meninas da escola particular, pois enquanto os meninos (GPr M) declaram como únicos objetivos o lazer e a saúde, as meninas (GPr F) declaram como objetivos também alguma preocupação com estética (10%) e competição (10%), e muita preocupação com prestígio (40% delas), isto é, a intenção de serem reconhecidas como ídolos.

O modelo que o adolescente forma do corpo parece ser o produto de suas próprias experiências concretas e também de fantasias. As fantasias do adolescente se originam em partes segundo Rosa (1986) do seu próprio desenvolvimento físico, da influência dos seus grupos de parceria e da cultura a que ele pertence, daquilo que os outros esperam dele, e da sua própria avaliação, o adolescente deriva o conceito de sua importância pessoal e de seu status aos olhos dos outros.

Também na escola pública, meninos e meninas diferenciam-se bastante. Embora ambos sejam competitivos e preocupem-se em conquistar prestígio, nota-se que as meninas (GPu F) em nada atentam para a estética ou mesmo a saúde, enquanto estes constam como objetivos para os meninos (GPu M).

Assim sendo, comparando-se as escolas pública e particular, constata-se a curiosa semelhança entre os meninos da pública (GPu M) e as meninas da particular (GPr F), ambos apresentando alguma preocupação com estética e competição, e muita preocupação com prestígio.

Todavia a mais diferenças do que semelhanças entre os grupos quando se enfoca a hierarquia de objetivos para a prática esportiva. Aplicado-se o Teste

do  $\chi^2$ , sendo  $\chi^2_{c} = 16,74$  (n. sig = 0,05; n.g.l= 5;  $\chi^2_{o} = 9,88$ ), pôde-se confirmar uma maior concentração na resposta lazer. No entanto, buscando aprofundar essa análise geral, recorreu-se novamente a um cálculo da correlação (**Tabela 6**) entre as respostas dos subgrupos, o qual ampliou as constatações feitas, mostrando alguma correlação ( $r = 0,72$ ) entre os objetivos das meninas dos dois subgrupos (GPu F e GPr F), ambas muito preocupadas com prestígio, mas sem atingir o nível de significância. Ao contrário do que se observa no plano mais geral, houve uma fraca correlação ( $r = 0,10$ ) entre os meninos da escola pública (GPu M) e as meninas da escola particular (GPr F), muito provavelmente causada pela maior frequência de respostas dessas meninas tanto em termos do objetivo de lazer quanto em termos do objetivo prestígio.

**Tabela 6 - Correlação entre os grupos: Objetivos na prática (\*)**

	GPu M	GPu F	GPr M	GPr F
GPu M	-			
GPu F	0,13	-		
GPr M	0,15	0,22	-	
GPr F	0,10	0,72	0,30	-

(\*) N = 5, n.sig = 0,05 e rc = 0,75

Os dados obtidos, mostrando que o lazer é o motivo principal entre os atletas, ressaltam que embora estejam treinando e realizando atividades físicas rotineiras e desgastantes, o divertimento e o prazer em realizá-las não pode ser desconsiderado.

Como afirmam Weinberg e Gould (2001), apesar das características variarem entre os atletas, como também entre os gêneros, observa-se que o motivo de diversão no esporte é o mais representativo em pesquisas realizadas com atletas de esporte escolares e não-escolares.

Merece destaque ainda a preocupação com o prestígio, ou seja, ***ser reconhecido como um ídolo***. Isto mostra que alguns atletas já na iniciação pretendem seguir carreira no esporte, tornando-se motivante para eles a prática do mesmo. É importante ressaltar que a referência a *ídolos no esporte* pode ser um influenciador direto nas crianças e nos adolescentes, pois segundo De Rose (1999) estes vêem nos ídolos um vínculo de aproximação com o esporte.

Assim sendo, apesar da ausência de referências a ídolos no esporte como influência sobre a escolha desportiva (**Tabela 3**), é plausível esperar que a campanha positiva das equipes de handebol no último PanAmericano venham a servir como estímulo para os futuros atletas handebol. Todavia ainda não há divulgação suficiente na mídia que tanto fez pela imagem de ídolos. Para tanto seria de se esperar um maior apoio da mídia. Também se pode esperar que a equipe que trabalha com atletas explore acontecimentos desta natureza. No caso dos presentes participantes, a coleta ocorreu antes da competição referida. Seria interessante fazer estudos concomitantes entre adolescentes para medir impactos de eventos como estes na motivação de adolescentes não participantes.

A não correlação entre os grupos pode decorrer de fatos contextuais específicos e do próprio desenvolvimento do adolescente. De qualquer forma é evidente que é preciso apoio do psicólogo na escolha de estratégias motivacionais, pois o que pode ser efetivo em um grupo não será em outro.

Visando aprofundar essa discussão, foram avaliados os dados coletados sobre as variáveis estimulantes na prática do handebol (Tabela 7). Neste mesmo contexto, perguntou-se aos participantes quais variáveis eram estimulantes na prática do handebol (Tabela 7).



**Tabela 7 – Estimuladores na Prática do handebol pelos subgrupos**

Variáveis	Sujeitos				Total
	GPu M	GPu F	GPr M	GPr F	
A motivação dada pelo treinador	6	3	3	3	15
Campeonatos	8	7	8	6	29
Medalhas e troféus	3	4	2	4	13
A torcida	1	3	4	2	10
Reconhecimento e lugar de destaque	6	6	6	5	23
O prazer do jogo em si	1	-	4	3	8
Meu próprio progresso	2	3	2	3	10
Os amigos do handebol	-	1	1	4	6

Tendo em vista os totais apresentados na **Tabela 7**, torna-se importante ressaltar que, ao assinalarem as respostas, os sujeitos indicariam três categorias de estímulo que consideravam mais relevantes. Na aplicação do teste  $X^2$  a essas respostas, obteve-se um resultado estatisticamente significativo ( $X^2= 30,82$ ;  $X^2c= 20,27$ ; n.g.l.= 7), podendo-se concluir que os maiores estimuladores dos atletas na prática do esporte são: **os campeonatos**, o item que concentrou as maiores freqüências em todos os subgrupos analisados; **o reconhecimento e ocupação de lugar de destaque** e **motivação dada pelo treinador**. Por outro lado, vale destacar a falta de assinalações quanto ao item **alegria dos entes queridos** em todos os subgrupos. Este último resultado é preocupante por ser indício de falta de apoio e de estímulo familiar, tão importante para o desenvolvimento saudável, especialmente na adolescência (Luisi e Cangeli; 1997)

A família ajuda a criança e o adolescente a atender as suas necessidades básicas, transmitindo-lhe também padrões culturais, sociais, preventivos, preparando-os juntamente com outras instituições, para a prática das funções adultas, e neste caso por que não dizer aos benefícios da prática

esportiva. É a família, portanto, que prepara e dar o alicerce para a vida na sociedade em geral (Rosa, 1986).

Deixando em segundo plano a análise das variáveis-estímulo e passando a enfatizar a comparação entre os subgrupos, mediante a aplicação de um teste estatístico, constatou-se que a menor correlação estabelecida foi entre os subgrupos GPr M e GPr F ( $r=0,35$ ), sendo a correlação entre GPu M e GPu F a mais expressiva ( $r= 0,85$ ), que foi a única que alcanço significância, conforme se observa na Tabela 8.

**Tabela 8 - Correlação entre os grupos: Estimuladores na prática (\*)**

	GPu M	GPu F	GPr M	GPr F
GPu M	-			
GPu F	0,85	-		
GPr M	0,61	0,48	-	
GPr F	0,41	0,40	0,35	-

(\*) N = 8, n.sig = 0,05 e rc = 0,63

Esse resultado mostra-se compatível com o verificado quanto aos *Objetivos* declarados pelos atletas, apresentados anteriormente (**Tabelas 5 e 6**). Nestas Tabelas as diferenças entre meninos e meninas da escola particular já haviam sido apontadas; por outro lado, haviam sido também enfatizadas as diferenças entre meninos e meninas da escola pública, mas a correlação descrita na **Tabela 8** permite que sejam enfocadas agora algumas semelhanças entre eles. Mais precisamente, em termos dos fatores motivadores *campeonatos*, *medalhas e troféus* e *reconhecimento*, os meninos e meninas da escola pública apresentam freqüência bastante semelhante. Mas, são semelhanças pontuais. No conjunto, a hierarquia de estimuladores não é consistente de um grupo para outro.

Pode-se afirmar que, em linhas gerais, a competição é de fato o momento mais esperado pelos atletas, tornando-se com isso um elemento motivante na rotina dos treinamentos. A pesquisa de Buonamano e Mussino (1995) reforça os resultados obtidos neste estudo, de que as competições têm grande representação, sobretudo como meio motivador nos atletas. Pode ser que no caso de atletas iniciantes que cresce progressivamente a relevância das competições, ou seja, de acordo com a faixa etária dos mesmos. Este é um efeito que só pesquisas longitudinais podem verificar, mas se realizadas poderão subsidiar bem a atuação dos profissionais.

Segue na mesma direção dos dados relatados o trabalho de Weiss (1993), situando a competição dentre os fatores importantes na motivação dos atletas; *status, vitórias, ter sucesso*, afirma o autor, motivam crianças e adolescentes a continuarem na prática esportiva. Todavia também, é dado transversal e não se conhece o seu impacto ao longo da formação de jovens atletas.

A competitividade adquirida no esporte pode ser transferida também, para a competitividade da vida em sociedade, sobretudo a carreira profissional, preparando a criança e o adolescente para enfrentar a vida mais adequadamente, como já se fez referência (Ferraz; 2002). Entretanto, é necessário pesquisar em que medida isto ocorre.

Essas considerações apontam a relevância, ou mesmo a necessidade de conhecer também as variáveis que desestimulam os atletas, o que corresponde ao próximo questionamento feito aos participantes a ser analisado neste trabalho (Tabela 9).

**Tabela 9 – Desestimuladores na Prática do handebol pelos subgrupos**

Variáveis	Sujeitos				TOTAL
	GPu M	GPu F	GPr M	GPr F	
Derrotas nos jogos	6	7	7	10	30
A torcida	2	2	3	-	7
Broncas do seu treinador	4	4	5	4	17
Insatisfação com o seu desempenho	5	5	5	7	22
A rotina dos treinamentos	1	-	2	4	7
Insatisfação dos entes queridos	-	1	1	1	3
Não estar se desenvolvendo	7	8	2	4	21
A dificuldade de formar amizades	1	-	1	-	2

Seguiu-se o mesmo processo aplicado para os fatores estimuladores na prática do handebol, ou seja, os sujeitos assinalavam três categorias de resposta. Foi efetuado um teste do  $X^2$ , que foi significativo ( $X^2_c = 14,86$ ;  $X^2_o = 44,72$ ; n.g.l. = 4; n. sig. = 0.05), podendo-se afirmar a existência de uma maior concentração nas respostas **derrotas nos jogos**, um pouco superior aos outros dois itens fortemente indicados como desestimulante: **insatisfação com o próprio desempenho** e **broncas do treinador**.

Sendo *derrotas nos jogos* o fator mais desestimulante, fica corroborada a análise feita anteriormente sobre os fatores importantes na motivação dos atletas, mas é válido destacar ainda que os atletas das escolas pública e particular diferenciam-se quanto ao item *não estar se desenvolvendo*, algo que se mostrou mais desestimulador entre os atletas da escola pública, estes dados apoiam a pesquisa feita por Weiss (1993) ficou constatado que são vários os motivos que provocam a desmotivação no esporte, embora nestas pesquisas as derrotas nas competições também tenham sido alocadas como um dos maiores fatores citados pelos atletas, o que reforça os dados encontrados neste trabalho. Novamente há necessidade de pesquisas longitudinais para verificar o poder destas variáveis ao longo da formação atlética.

Mantendo o padrão de análise adotado, foi realizada uma análise de correlação a partir das respostas dadas sobre os fatores desestimuladores, conforme é explicitado na Tabela 10.

**Tabela 10 - Correlação entre os subgrupos: Desestimuladores na prática do handebol**

	GPu M	GPu F	GPr M	GPr F
GPu M	-			
GPu F	0,93	-		
GPr M	0,68	0,63	-	
GPr F	0,66	0,65	0,74	-

(\*) N = 8, n.sig = 0,05 e rc = 0,63

Todas as correlações observadas alcançaram o nível de significância, o que confirma a avaliação referente a **Tabela 9**, bem como as análises que vinham sendo feitas, a exemplo da semelhança verificada entre GPu M e GPu F quanto aos fatores estimuladores ( $r=0,85$ ), disposta na **Tabela 8**, confirmada pela correlação entre esses grupos quanto aos fatores desmotivantes ( $r=0,93$ ), na **Tabela 10**. As correlações aqui registradas mostram concordância em todos os grupos sobre a hierarquia de variáveis que desestimulam a prática esportiva.

#### *Motivação para o esporte*

A segunda parte da análise dos resultados da pesquisa refere-se aos dados da Escala de Motivação para o Esporte. Na **Figura 1**, foram representados, o perfil motivacional de cada subgrupo.

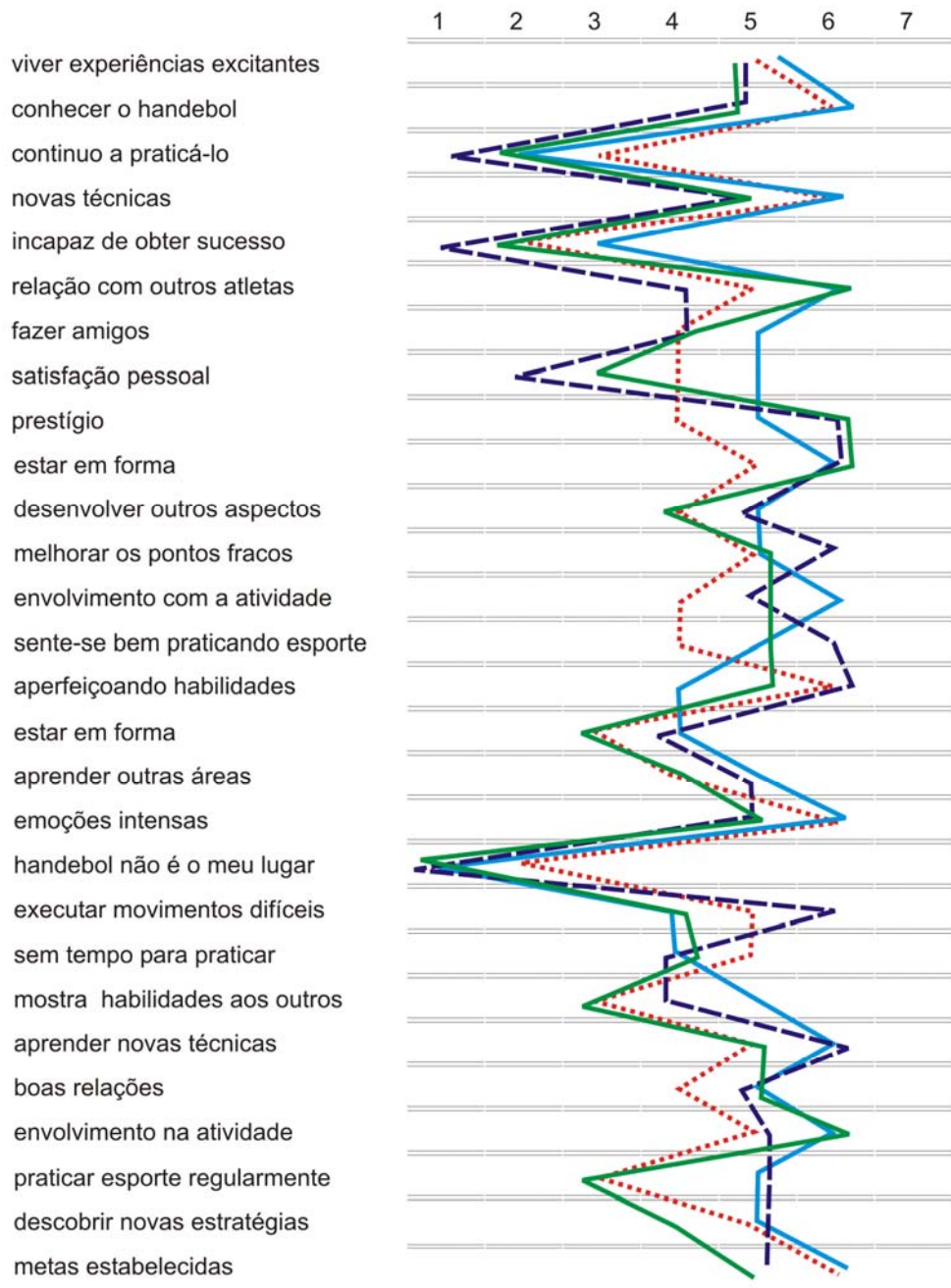


Figura 1. Perfil Motivacional dos subgrupos.

**Legenda**

- ..... GPu M
- GPu F
- GPr M
- GPr F

Para GPu M, a razão de maior representação foi **o prazer de descobrir novas técnicas de treinamento**, seguidas no segundo posto pelo **prazer de conhecer mais sobre o handebol e pelas intensas emoções quando pratica handebol**, ainda empatadas no terceiro lugar foram destacadas **a satisfação que o atleta experimenta quando aperfeiçoa suas habilidades e quando alcança as metas que ele estabelece no handebol**. Os dados de GPu M demonstram que o prazer no esporte está evidenciado entre as razões mais importantes para os atletas. Esta representação confirma o que a literatura vem pesquisando sobre a motivação de atletas iniciantes, estando esta equipe motivada intrinsecamente para conhecer, isto é, segundo Pellitier et. Al. (1995) a motivação intrínseca para conhecer acontece quando o sujeito realiza atividades por prazer e satisfação no mesmo momento que experimenta novidades. Neste mesmo caso, podem ser relacionados estes sujeitos como atletas motivados intrinsecamente a explorar, a curiosidade e a aprendizagem por metas.

Vale aqui retomar as considerações de Ruiz (2001) quanto a variabilidade dos elementos que atuam na motivação intrínseca e extrínseca.

Para o treinador de equipes como esta, é importante considerar que a motivação dos mesmos será facilmente alcançada quando exercitar em seus treinamentos novas técnicas e desafios.

Foi observado em GPu F, o empate no primeiro posto em três razões, sendo elas **o prazer de conhecer mais sobre o handebol, as intensas emoções quando pratica handebol e gosta quando esta totalmente envolvido com a atividade**, no segundo lugar foi encontrado a **excitação que o atleta senti quando está realmente envolvido com a atividade** e por último estão igualadas na terceira colocação, **o prazer de descobrir novas técnicas de treinamento, relacionamento com outros atletas e quando alcança as metas que estabelece no handebol**.

No caso de GPu F, é presente nos sujeitos a realização para experimentar sensações de estimulação, diversão e excitação, com a evidência do prazer, viver intensas emoções, envolvimento e excitação na atividade esportiva, deste modo, pode-se afirmar que estes sujeitos estão principalmente, motivados intrinsecamente para experimentar a excitação e viver estas experiências dentro do esporte. A motivação intrínseca para conhecer também está representada nesta equipe, razões como o prazer de conhecer e alcançar metas foram relacionados, o que mostra um desafio para treinadores, em sempre estar oferecendo novas e possíveis experiências aos seus atletas.

O subgrupo GPr M apontou **o prestígio de ser um atleta** como a razão mais significativa, seguida do segundo lugar **pela necessidade de estar em forma e pelo prazer que senti quando aprende novas técnicas de treinamento** e no terceiro lugar empatadas estão, **melhorar os pontos fracos, necessidade de praticar esportes para se sentir bem e quando esta aperfeiçoando suas habilidades**.

Observou-se que os sujeitos, neste caso, estão apresentando especialmente, uma motivação extrínseca, ou seja, apresentam comportamentos regulados por forças externas como o caso do prestígio (recompensas). Para este caso, é importante alertar aos treinadores, que para os atletas, o esporte pode não representar diversão, e sim um esforço para obter sempre recompensas ou evitar conseqüências negativas (Deci e Ryan, 1985 apud Pellitier, 1995). Todavia, ainda continuam reforçando em suas razões, uma motivação extrínseca, representada agora pela regulamentação introjectada, isto é, os atletas podem estar sentindo pressões e constrangimentos quando não atingem um resultado satisfatório. Vale lembrar que GPr M é uma equipe de atletas iniciantes, com pouco tempo de prática no handebol, pressões coercitivas e externas podem ser ao longo do tempo de treinamento um fator desmotivante. Segundo Weinberg & Gould (2001) dizem que se os fatores externos forem utilizados de forma inadequada, provavelmente prejudicarão os resultados ocasionando conseqüências negativas



para os atletas. Por outro lado, também estão mostrando o prazer de aprender e a satisfação nas razões que os motivam, estando estes também intrinsecamente motivados para conhecer.

Para GPr F, ***estar em forma***, é a principal razão para os sujeitos quando praticam handebol, em segundo lugar foi apontado ***o prestígio de ser atleta*** e por último o empate na terceira colocação entre ***sente-se bem quando se relaciona com outros atletas*** e ***gosta do sentimento de estar totalmente envolvido com a atividade***.

Ao contrário de GPr F a regulamentação introjetada aparece em maior evidência para este subgrupo, embora também tenha destacado uma regulamentação externa. Observa-se ainda, que a motivação intrínseca também esta representada neste subgrupo, no entanto, este apresenta uma motivação para experimentar a excitação quando gosta do sentimento de esta envolvido com o esporte.

Diferentemente do grupo das escolas públicas, o grupo das escolas particulares apresentou uma motivação mais extrínseca ao contrário das escolas públicas que apresentaram principalmente uma motivação mais intrínseca.

Foi realizado o Teste de correlação para verificar se havia concordância entre os grupos, neste caso ( $N= 28$ ,  $n.sig= 0,05$  e  $rc=0,34$ ). A correlação maior aconteceu entre GPu F e GPr M, sendo ( $r=0,61$ ) e a mais baixa foi encontrada em duas comparações, GPu F e GPr F ( $r=0,29$ ) e GPr M e GPr F ( $r=0,29$ ).

**Tabela 11 - Correlação entre os subgrupos: Perfil Motivacional (\*)**

	Gpu M	Gpu F	GPr M	GPr F
Gpu M	-			
Gpu F	0,40	-		
GPr M	0,46	0,61	-	
GPr F	0,38	0,29	0,29	-

**(\*) N = 8, n.sig = 0,05 e rc = 0,63**

Nenhuma correlação foi significativa para alcançar o nível de significância, o que sugere que embora haja pontos em comum, no todo os grupos são diferentes quanto o perfil motivacional.

É importante reforçar a importância do trabalho da motivação em equipes esportivas, sobretudo no início de carreira quando os atletas ainda estão formando seus conceitos e traçando seus objetivos dentro do esporte. Vale dizer também, que o papel do treinador é fundamental como promotor da motivação de seus atletas, sobretudo conhecendo as variáveis motivadoras de sua equipe, como foi apresentado neste trabalho, as equipes se igualaram em algumas questões, porém diferenciaram no conjunto, o que atribui maior atenção para a motivação, com aplicação de técnicas específicas e trabalhos direcionados para os objetivos apresentados por cada equipe, afim de garantir a permanência, manutenção e rendimento do atleta no esporte.

**CONCLUSÃO E SUGESTÕES**

Com a presente pesquisa buscou-se analisar aspectos gerais da motivação relacionados com a prática do handebol, sobretudo as razões que na opinião dos participantes os levaram a iniciar e a continuar na atividade, bem como variáveis motivadoras e desmotivadoras.

Destaca-se em primeiro lugar, que se trata de um tema que tem merecido a atenção de muitos estudiosos, havendo muitas pesquisas que envolvem o construto da motivação. Vale dizer que nos últimos anos foi significativo o crescimento de pesquisas e o interesse de pesquisadores na área da Psicologia do Esporte, especialmente no exterior, mas que também no Brasil vem sendo estudado.

Contudo, apesar da grande gama de pesquisas no esporte, são raras pesquisas sobre o handebol. Trabalhos com o futebol, vôlei e a natação ainda são os principais esportes enfocados nas pesquisas.

Uma sugestão seria fazer um maior investimento da parte de pesquisadores no handebol, bem como a comparação com outros esportes a respeito da motivação por ídolos, estresse, agressão, treinamento coletivo, enfim, uma contribuição para o desenvolvimento do atleta e sua formação.

Outro aspecto facilitador da pesquisa e que merece ser ressaltado foi o procedimento e a coleta de dados. A autora não teve dificuldades na realização, sobretudo por ser uma profissional da Educação Física e por ter experiência com o esporte, do qual foi atleta. A dupla formação pode ser um facilitador no estudo da Psicologia do Esporte.

As escolas se prontificaram a cooperar desde o início da apresentação do projeto de pesquisa, não se opondo aos objetivos e aos instrumentos a serem aplicados com os seus alunos/atletas, o mesmo acontecendo também com os

professores e pais que autorizaram a participação de seus filhos/atletas na pesquisa.

No que se diz respeito ao efetivo de atletas das escolas, apenas a escola pública apresentou um número limitado de atletas que praticavam o esporte na faixa etária exigida pela pesquisa, principalmente no que diz respeito ao gênero feminino, fato este que não se repetiu na escola particular, com grande participação de atletas na faixa etária exigida. Parece que há diferença de classe social quanto ao conhecimento e atratividade do referido esporte. Seria interessante realizar estudo mais abrangente a respeito destas preferências.

A única dificuldade em relação aos instrumentos de pesquisa foi a impossibilidade de se obter o crivo de respostas para o segundo instrumento de pesquisa aplicado (Escala de Motivação para o Esporte). Foi adotado outro tipo de avaliação, permitindo também uma análise do perfil motivacional dos sujeitos envolvidos. A escolha do instrumento surgiu devido ao número elevado de pesquisas que utilizaram o mesmo, especialmente na produção científica internacional, realizada, sobretudo em outros esportes e por se tratar de um instrumento já validado. Ele se mostrou efetivo no presente caso para se obter o perfil pretendido.

De qualquer forma, fica registrada a necessidade que a Psicologia do Esporte no Brasil tem em instrumentos específicos validados. Uma sugestão seria que pesquisadores se interessassem em realizar estudos instrumentais.

Um outro ponto relevante que merece consideração é o fato da pesquisa ter sido realizada com crianças e adolescentes. Esta clientela precisa ser mais estudada já que na produção científica disponível existe uma maior distribuição para atletas de alto nível, precisando, porém de pesquisas na fase inicial da vida do futuro atleta, o que se torna imprescindível para a sua formação e contribuição para a formação dos profissionais responsáveis. Pesquisas com os

jovens são úteis na orientação dos mesmos e de seus pais, treinadores e professores o que também permitem melhor programação da prevenção.

Uma preocupação subjacente a este estudo são os papéis dos profissionais que trabalham com crianças e adolescentes que se iniciam em atividades esportivas. Vale notar a participação do psicólogo do esporte e de uma equipe interdisciplinar atuando junto aos jovens atletas como uma necessidade. Entretanto, como nesta pesquisa, a participação direta do psicólogo e de outros membros de equipes interdisciplinares não foi focado, seria relevante que próximos estudos pesquisem esta influência na formação e motivação do atleta iniciante.

Foi visto que uma grande parte do efetivo de atletas não sofreu qualquer influência para a escolha do esporte, de acordo com sua opinião. No que se concerne aos dados obtidos para aqueles atletas que sofreram alguma influência destaca-se a influência dos amigos, como os maiores influenciadores ao iniciarem uma prática esportiva.

Os dados sugerem que existe ainda uma pequena participação de pais e de professores no estímulo a prática esportiva, mas os prevalentes são os amigos. Entretanto é possível fazer programas para melhorar a motivação e a manutenção no esporte recorrendo a estímulos familiares, os quais são importantes no desenvolvimento saudável, especificamente na adolescência.

Seria importante que as escolas oferecessem cursos e palestras com fins informativos para promover a prática esportiva e conseqüentemente, os benefícios que a envolvem, bem como a participação dos pais nesta promoção, formando uma parceria positiva com o objetivo de estimular o interesse de seus filhos/alunos nas atividades esportivas. Esta questão seria relevante principalmente nas escolas públicas, onde a participação dos familiares esteve ausente.

O que se pode concluir também, de acordo com a hierarquização dos objetivos entre os grupos para a prática esportiva, que houve muito mais diferenças do que semelhanças entre eles. Isto mostra que os grupos estão apresentando motivações diferentes em relação aos objetivos no esporte. O mesmo foi visto para a hierarquização de estimuladores na prática esportiva, reforçando na totalidade a não consistência destas variáveis entre os grupos.

Vale dizer que a participação do psicólogo e dos técnicos na escolha de estratégias motivacionais torna-se imprescindível, pois o que está motivando uma equipe pode estar desmotivando outra. Relata-se também que todos os grupos mostraram concordar nas variáveis que os desestimulam na prática esportiva. Seria interessante testar técnicas motivacionais e procedimentos para serem aplicadas atletas que contribuam para a melhor formação e desenvolvimentos dos mesmos.

No geral, o perfil motivacional das equipes apresentou-se diferente, embora houvesse pontos em comum. As escolas públicas estiveram motivadas intrinsecamente, o oposto ocorrendo nas privadas mais motivadas extrinsecamente. Isto vem reforçar o quanto a motivação é uma questão intrincada, partindo de indivíduo para indivíduo, no caso da pesquisa de grupo para grupo.

Há muitos aspectos educacionais subjacentes à prática do handebol sendo a motivação básica da escolha do esporte até o seu abandono ou parada da vida de profissional de alto nível. O trabalho em equipe se torna relevante para assegurar motivação.

## REFERÊNCIAS



Arantes, J. P. (2002). **Motivação em nadadores de alto rendimento**. Dissertação de Mestrado. PUC- Campinas.

Atkinson, J. W. (1964). **An Introduction to motivation**. Riceton: D. Van Nostrand Company.

Bergamin, C. W. (1990). **Motivação**. São Paulo: Atlas.

Becker Jr, B. & Samulski, D. M. (1998). **Manual de Treinamento Psicológico para o Esporte**. Porto Alegre: Feevale.

Brânquia, D. L. (1983). Participation and Motivation in Children of Sport. **International Journal Sport Psychology**, 14, 114-131.

Bock, A. M. (1999). **Psicologia: uma introdução a psicologia**. São Paulo. 3<sup>a</sup>. ed. Saraiva

Buonomano, R., Mussino, A. (1995). Participation and motivation in italian youth sport. **The Sport Psychology**., v.9, p.265-281

Buriti, M. A. (1999). **Produção Científica em Periódicos de Psicologia do Esporte e Educação Física – Prevenção**. Tese de Doutorado. PUC – Campinas.

Buriti, M. S. L. **Esporte e Adolescência: Agressividade no Futebol**. Dissertação de Mestrado. PUC – Campinas.

Caló, F. (1999). **O que é Psicologia do Esporte?**. Disponível em: <http://www.tba.com.br/pages/chelly/psiesporte.htm>

Camargo Netto, F. (1982). **Handebol**. 4<sup>a</sup> ed. Porto Alegre: Prodil – Lial.

Chantal, Y. Guay, F. Vallerand, R. J. Dobрева-Martinova, T. (1996). Motivation and Elite Performance: An Exploratory Investigation with Bulgarian Athletes. **International Journal Sport Psychology**, 27 (2): 173-182.

Chase, M. A. (2001). Children's Self-Efficacy, Motivational Intentions, and Attributions in Physical Education and Sport. **Research Quarterly for Exercise and Sport**, 72(1): 47-54.

Covington, M. V. (2000). Goal Theory, Motivation, and School Achievement: An Integrative Review. **Annual Review Psychology**. 51: 171-200

Cratty, B. J. (1984). **Psicologia no Esporte**. Rio de Janeiro: Guanabara.

De Rose, D. (1999). **Esportes na Infância: Stress ou Divertimento**. Disponível: <http://www.usp.br/eef/esporte/artpub.htm>

Duda, J. L. Chi, L. Newton, M. L. Walling, M. D. Catley, D. (1995). Task and Ego Orientation and Intrinsic Motivation in Sport. **International Journal Sport Psychology**, 26 (1): 40-63.

Eccles, J. & Wigfield, A. (2002). Motivational Beliefs, Values, and Goals. **Annual Review Psychology**. 53: 110-132.

Ferraz, O. L. (2002). O esporte, a criança e o adolescente: consensos e divergências. Em: D. De Rose; **Esporte e Atividade Física na infância e adolescência: Uma abordagem multidisciplinar**. Porto Alegre: Artmed

Ferreira, P. (1990). **Handebol de Salão**. São Paulo: Cia Brasil Editora.

Ferrer-Caja, E. & Weiss, M.R. (2000). Predictors of intrinsic Motivation Among Adolescent Students in Physical Education. **Research Quartely for Exercise and Sport**, 71(3): 267-279.

Gouvêa, F. C. (1996). **Aspectos da motivação para educação física em adolescentes desportistas e não desportistas**. Dissertação de Mestrado. PUC-Campinas.

Guedes, O. C. (2001). **Esporte e psicologia: aplicações teóricas e práticas**. Organizadores, Onacir Carneiro Guedes, Benno Becker Junior, Sidônio Serpa, Edgar Thill. - João Pessoa: Gráfica/UNIPÊ

Heckhausen, H. (1965). Leistungs motivation. In: Thomae. H. **Handboch der Psychologie** (Bd. II.) Goettingen, Hugrefe, 602-703.

Lamenha, I. (2003) **Motivação: Elemento importante no futebol**. Trabalho não publicado.

Luisi, L. V. V. & Camgelli, R. F. (1997). Afamília em fase adolescente. Em: C. Ceneide, C. Berthoud: Família e Cicli Vital: nossa realidade em pesquisa. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Machado, A. A. (1997). **Psicologia do Esporte: Temas Emergentes**. Judiaí: Ápice.

Maslow, A. H. (1970). **Motivation and personality**. New York: Harper & Row publishheres.

Murray, E. J. (1967;1983). **Motivação e emoção**. Rio de Janeiro: Zahar. Tradução: Álvaro Cabral.

Murray, E. J. (1967;1986). **Motivação e emoção**. Rio de Janeiro: Guanabara.  
Tradução: Álvaro Cabral.

Nakahara, R. F. (2003). Psicologia no curso de Educação Física. Dissertação de Mestrado. PUC – Campinas.

Nuttin, J. (1909;1983). **Teoria da motivação humana**. São Paulo: Edições Loyola.  
Tradução: Pier Luigi Cabra.

Peruchi, L. H. (2001). Motivação em Atletas de Basquetebol de Alto Rendimento. Dissertação de Mestrado. PUC – Campinas.

Petherick, C. M. & Weigand, D. (2002). The Relationship of Dispositional Goal Orientations and Perceived Motivational Climates on Indices of Motivation in Male and Female Swimmers. **International Journal Sport Psychology**, 33 (2): 218-237.

Pelletier, L. Tuson, K. M. Fortier, M. S. Vallerand, R.J. Brière, N. M. Blais, M. R. (1995). Toward a New Measure of Intrinsic Motivation, Extrinsic Motivation and Amotivation in Sports: The Sport Motivation Scale (SMS). **Journal of Sport & Exercise Psychology** , 17, 35-53.

Pfromm Netto, S. (1995). Prefácio: Motivação. Em: **Anais XVII International School Psychology Colloquium & II Congresso Nacional de Psicologia Escolar**. Campinas: Editora Átomo.

Rosa, M. (1986). **Psicologia Evolutiva: Psicologia da Adolescência**. Petrópolis: Vozes.4<sup>a</sup> ed.

Rotger, A. P. (1998). La violència como nuevo espacio de educación. Em: L. Pandosa. **Nuevos espacios de la educación social**. Universidade de Deustro, Bilbao.

Rubio, K. (2002). Origens e evolução da psicologia do esporte no Brasil. Biblio 3W, **Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales**, Universidad de Barcelona, Vol. VII, nº 373, Disponível em: <http://www.ub.es/geocrit/b3w-373.htm>

Ruiz, V. M. (2001). Motivação para Aprender. Em: G. P. Witter. **Psicologia Tópicos Gerais**. Campinas: Alínea

Scalan, T. K. (1993). Sources of enjoyment for youth sport athletes. **Pediatric Exercises Scient**. V.5, p. 275-285

Samulski, D. (1992). **Psicologia do Esporte**. Belo Horizonte: Editora UFMG

Simões, A. C. A psicossociologia do vínculo esporte-adultos-crianças e adolescentes: análise das influencias. Em: D. De Rose; **Esporte e atividade física na infância e na adolescência: U,a abordagem multidisciplinar**. Porto Alegre: Artmed

Sperling, A. P. (1999). Introdução a Psicologia. São Paulo: Pioneira.

Stratton, T. R. (1996a). Motivação para atletas novos. **Coaching Youth Sports**. Disponível: <http://www.tandl.vt.edu/rstratto/CSYarchive/CYSSept96.html>

Stratton, T. R. (1996b). Motivando seus atletas e você mesmo. **Coaching Youth Sports**. Disponível: <http://www.tandl.vt.edu/rstratto/CSYarchive/CYSSept96.html>

Thill, E. (1989). **Motivation et stratégies des motivations en milieu Sportif**. Paris: PUF.

Vallerand, G. (1994). **Motivation dans les Sports**. Paris: Editions Vigot.

Vallerand, G. & Fortier, (1998). **Motivation dans les Sports**. Paris: Editions Vigot.

Vlachopoulos, S. P. Karageorghis, I. C. Terry, C. P. (2000). Motivation Profiles in Sport: A Self-Determination Theory Perspective. **Research Quarterly for Exercise and Sport**, 71(4): 387-397

Weinberg, R. S. & Gould, D. (2001). **Fundamentos da Psicologia do Esporte e do Exercício**. São Paulo: Artmed, 2<sup>a</sup> ed.

Weiss, M.R. Psychological effects os intensive sport participation on children and youth: self-esteem and motivation. In: B. Cahille.; A. J. Pearl. **Intensive participation in children´s sports**. Champaing: Human Kinetics, p. 54-65

Winterstein, P. J. (1992). Motivação, educação física e esporte. **Revista Paulista de Educação Física**. São Paulo. V-6, n.1, p. 53-61

**ANEXOS**

## **Anexo 1**

### **QUESTIONÁRIO PARA PRATICANTES DE HANDEBOL**

Este questionário visa analisar dados diversos relacionados a prática do handebol. Portanto, respondendo a este questionário você estará contribuindo para que possamos conhecer os motivos que levam as pessoas a praticarem este tipo de atividade física. As informações obtidas serão mantidas em sigilo, mantendo-se desta forma o anonimato das pessoas que o respondem.

#### **A. DADOS PESSOAIS:**

1. Idade: \_\_\_\_\_

2. Sexo:

Masculino ( )      Feminino ( )

3. Grau de Escolaridade:

2º Ciclo do Ensino Fundamental ( )    3º Ciclo do Ensino Fundamental ( )

4. Rede de Ensino:

Privado ( )      Pública ( )

5. Profissão dos Pais:

Pai: \_\_\_\_\_

Mãe: \_\_\_\_\_

6. Renda Familiar dos Pais: \_\_\_\_\_



7. Grau de Escolaridade dos Pais:

Pai: \_\_\_\_\_

Mãe: \_\_\_\_\_

**B. DADOS RELACIONADOS COM A PRÁTICA DO HANDEBOL:**

1. Há quanto tempo você pratica handebol?

( ) menos de 1 ano

( ) 1 a 2 anos

( ) 3 a 4 anos

( ) 4 a 5 anos

( ) mais de 5 anos

2. A prática do handebol foi influenciada por alguém?

( ) sim ( ) não

— Em caso de resposta afirmativa. Por quem?

( ) médico

( ) educador físico

( ) familiares

( ) amigos

( ) ídolos no esporte

3. O seu objetivo ao praticar handebol é:

( ) melhorar a estética

( ) melhorar a saúde

( ) lazer

( ) competição

( ) ser reconhecido como um ídolo

4. O que mais o estimula quando pratica handebol? (Indicar até três alternativas)

( ) a motivação dada pelo treinador

- ( ) campeonatos
- ( ) medalhas e troféus
- ( ) a torcida
- ( ) reconhecimento e lugar de destaque
- ( ) alegria de seus entes queridos
- ( ) o prazer do jogo em si
- ( ) meu próprio progresso
- ( ) os amigos do handebol

5. O que mais o desestimula quando pratica handebol? (Indicar até três alternativas)

- ( ) derrotas nos jogos
- ( ) a torcida
- ( ) broncas do seu treinador
- ( ) insatisfação com o seu desempenho
- ( ) a rotina dos treinamentos
- ( ) insatisfação dos entes queridos
- ( ) não estar se desenvolvendo
- ( ) a dificuldade de formar amizades

## Anexo 2

### POR QUE VOCÊ PRÁTICA O HANDEBOL?

Usando a escala abaixo, por favor indique até que ponto cada um dos itens seguintes corresponde para uma das razões que você, presentemente, é praticando o handebol. Faça um X no número que corresponde ao que você acha.

Itens	Não corresponde		Corresponde moderadamente			Corresponde exatamente	
	1	2	3	4	5	6	7
1. Pelo prazer que sinto em viver experiências excitantes no jogo.	1	2	3	4	5	6	7
2. Pelo prazer de conhecer mais sobre o handebol.	1	2	3	4	5	6	7
3. Costumo ter boas razões para praticar o handebol, mas agora estou me perguntando, se devo continuar a praticá-lo.	1	2	3	4	5	6	7
4. Pelo prazer de descobrir novas técnicas de treinamento.	1	2	3	4	5	6	7
5. Tenho a impressão que seria incapaz de obter sucesso em outro esporte.	1	2	3	4	5	6	7
6. quando me relaciono com outros atletas sinto-me bem.	1	2	3	4	5	6	7
7. É um dos melhores meios para fazer amigos.	1	2	3	4	5	6	7
8. Ao enfrentar alguma dificuldade nas técnicas de treinamento, sinto muita satisfação pessoal.	1	2	3	4	5	6	7
9. Para estar em forma, é necessário praticar esportes.	1	2	3	4	5	6	7
10. Pelo o prestígio de ser um atleta.	1	2	3	4	5	6	7
11. É um dos melhores meios para desenvolver outros aspectos em mim.	1	2	3	4	5	6	7

12. Quando sinto que estou melhorando meus pontos fracos.	1	2	3	4	5	6	7
13. Pela excitação que sinto quando estou, realmente, envolvido na atividade.	1	2	3	4	5	6	7
14. Porque preciso praticar esportes para me sentir bem.	1	2	3	4	5	6	7
15. Pela satisfação que experimento quando estou aperfeiçoando minhas habilidades.	1	2	3	4	5	6	7
16. Porque as pessoas com as quais convivo, acham importante estar em forma.	1	2	3	4	5	6	7
17. Porque é uma boa maneira de aprender muita coisas úteis em outras áreas.	1	2	3	4	5	6	7
18. Pelas emoções intensas que sinto enquanto estou praticando o handebol.	1	2	3	4	5	6	7
19. O handebol é o meu lugar.	1	2	3	4	5	6	7
20. Pelo prazer que sinto quando executo movimentos difíceis.	1	2	3	4	5	6	7
21. Porque me sento mal quando não arranjo tempo para praticar o handebol.	1	2	3	4	5	6	7
22. Para mostrar aos outros minhas habilidades no handebol.	1	2	3	4	5	6	7
23. Pelo prazer que sinto enquanto aprendo novas técnicas de treinamento.	1	2	3	4	5	6	7
24. Porque é um dos melhores meios para manter boas relações com meus amigos.	1	2	3	4	5	6	7
25. Gosto do sentimento de estar totalmente envolvido na atividade.	1	2	3	4	5	6	7
26. Porque preciso praticar esporte regularmente.	1	2	3	4	5	6	7
27. Pelo prazer de descobrir novas estratégias de desempenho.	1	2	3	4	5	6	7
28. Poderei alcançar as metas que estabeleci	1	2	3	4	5	6	7

### Anexo 3

## CARTA DE CONSENTIMENTO PARA A ESCOLA EM RELAÇÃO A REALIZAÇÃO DA PESQUISA

Prezado (a) Diretor (a)

Vimos solicitar a sua colaboração no sentido de realizar uma pesquisa no estabelecimento de ensino que dirige, sobre a importância da prática do handebol, a fim de avaliar os motivos relacionados a prática deste esporte pelos atletas. Este trabalho visa obter informações imprescindíveis sobre a motivação e está sendo realizado pela mestranda Izabel Lamenha sob a orientação da Dr. <sup>a</sup> Geraldina Porto Witter pesquisadoras da área, na Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

Estudar a motivação (objetivo da pesquisa) trará benefícios para o ensino do esporte que passou a ter no Brasil destaque especial após o último Panamericano. Desta forma busca-se conhecer o que atrai e mantém jovens praticando o handebol.

A pesquisa deverá ser realizada com os praticantes de handebol do Ensino Fundamental, tendo idades de 11 a 14 anos de idade. Serão solicitados a responder a um instrumento, o qual será aplicado, na própria escola, com o grupo

de alunos, estabelecendo-se previamente, em comum acordo, horário com o professor para esta atividade, sem prejuízo de aula. A participação é voluntária por se tratar de uma atividade simples, envolvendo os atletas, a pesquisa também não envolve nenhum risco psicológico, conforme pode ser observado no Projeto em anexo. Asseguramos que será guardado o anonimato sobre a identidade dos participantes, assim como o do seu estabelecimento de ensino.

Contando com a sua colaboração, nos colocamos ao seu inteiro dispor para que qualquer dúvida que necessite ser esclarecida. Solicitamos por fim, que assine esta folha de permissão de pesquisa abaixo.

Atenciosamente,

Izabel Lamenha

Mestranda da PUC- Campinas

Concordo com a realização da pesquisa,

João Pessoa, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

Nome legível

---

Assinatura

#### Anexo 4

### CARTA DE CONSENTIMENTO PARA OS PAIS EM RELAÇÃO A REALIZAÇÃO DA PESQUISA

Prezados Pais,

Vimos solicitar a sua colaboração no sentido de realizar uma pesquisa sobre a importância da prática do handebol, a fim de avaliar os motivos relacionados a prática deste esporte pelos atletas. Este trabalho visa obter informações imprescindíveis sobre a motivação e está sendo realizado pela mestranda Izabel Lamenha sob a orientação da Dr. <sup>a</sup> Geraldina Porto Witter pesquisadoras da área, na Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

Estudar a motivação (objetivo da pesquisa) trará benefícios para o ensino do esporte que passou a ter no Brasil destaque especial após o último Panamericano. Desta forma busca-se conhecer o que atrai e mantêm jovens praticando o handebol.

A pesquisa deverá ser realizada com os praticantes de Handebol do Ensino Fundamental, tendo idades de 11 a 14 anos de idade. Serão solicitados a responder a um instrumento, o qual será aplicado, na própria escola, com o grupo de alunos, estabelecendo-se previamente, em comum acordo, horário com o professor para esta atividade, sem prejuízo de aula. A participação é voluntária por

se tratar de uma atividade simples, envolvendo os atletas, a pesquisa também não envolve nenhum risco psicológico, conforme pode ser observado no Projeto em anexo. Asseguramos que será guardado o anonimato sobre a identidade dos alunos que participarem bem, como o do estabelecimento onde estudam.

Como seu filho (a) preenche as características para participar da pesquisa, pedimos sua autorização para que ele (a) responda os instrumentos, preenchendo o consentimento no final deste documento. Reiteramos que será preservado o sigilo e a liberdade de permanecer ou não na pesquisa.

Contando com a sua colaboração, nos colocamos ao seu inteiro dispor para que qualquer dúvida que necessite ser esclarecida. Solicitamos por fim, que assine esta folha de permissão de pesquisa abaixo.

Atenciosamente,

Izabel Lamenha

Mestranda da PUC- Campinas

Como responsável por \_\_\_\_\_,  
concordo que o mesmo participe da pesquisa, mantendo-se o sigilo de seus resultados.

João Pessoa, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

Nome legível

---



Assinatura

### Anexo 5

#### Características Pessoais dos sujeitos: GPU M

Sujeitos	Idade	Escolaridade	Profissão		Renda Familiar R\$	Escolaridade (*)	
			Pai	Mãe		Pai	Mãe
GPU M1	13	2º. EF	Ms. Panificação	Dona de Casa	480,00	Analfabeto	EF I
GPU M2	14	3º. EF	Bombeiro	Cabeleireira	200,00	EM	EF I
GPU M3	14	3º. EF	Servente	Autônoma	100,00	EF I	EF I
GPU M4	14	2º. EF	Tesoureiro	Doméstica	1.000,00	EM	EM
GPU M5	14	3º. EF	Aposentado	Doméstica	600,00	EF I	EF
GPU M6	14	2º. EF	Gerente	Assistente Social	1.000,00	EM	Univ.
GPU M7	14	3º. EF	Caseiro	Dona de Casa	207,00	-	EF
GPU M8	12	3º. EF	Contador	Dentista	1.000,00	Univ.	Univ.
GPU M9	14	3º. EF	Autônomo	Autônoma	400,00	EM I	EM I
	M = 13,3				M = R\$ 560,00		

#### \* Legenda para Escolaridade

EF I	Ensino Fund. Incompleto
EF	Ensino Fundamental
EMI	Ensino Médio Incompleto
EM	Ensino Médio
UNIV	Superior

## Anexo 6

### Características Pessoais dos sujeitos: GPU F

Sujeitos	Idade	Escolaridade	Profissão		Renda Familiar R\$	Escolaridade	
			Pai	Mãe		Pai	Mãe
GPU F1	13	3º. EF	Desempregado	Costureira	800,00	EF I	EM I
GPU F2	13	3º. EF	Cobrador	Doméstica	700,00	EM	EM
GPU F3	14	2º. EF	-	Merendeira	200,00	-	EF I
GPU F4	14	3º. EF	Ajudante	Dona de Casa	260,00	EF I	EF I
GPU F5	14	3º. EF	Func. Municipal	Secretária	350,00	EF I	EM I
GPU F6	14	3º. EF	Vigilante	Dona de Casa	200,00	EF I	EF I
GPU F7	13	3º. EF	Porteiro	Manicure	700,00	EM	EM
GPU F8	14	3º. EF	Soldado	Dona de Casa	1.000,00	Univ. I	EM I
GPU F9	14	2º. EF	-	Doméstica	240,00	EF I	EM I
	M = 13,3				M = R\$ 500,00		

## Anexo 7

### Características Pessoais dos sujeitos: GPr M

Sujeitos	Idade	Escolaridade	Profissão		Renda Familiar R\$	Escolaridade (*)	
			Pai	Mãe		Pai	Mãe
GPr M1	13	3°. EF	Advogado	Construtora	6.000,00	Univ.	Univ.
GPr M2	12	3°. EF	Empresário	Nutricionista	1.000,00	EM I	Univ.
GPr M3	14	3°. EF	Comerciante	Comerciante	50.000,00	Univ.	Univ.
GPr M4	13	3°. EF	Comerciante	Médica	8.000,00	Univ. I	Univ.
GPr M5	11	3°. EF	Político	Professor	3.500,00	Univ.	Univ.
GPr M6	12	2°. EF	Empresário	Empresário	30.000,00	Univ.	Univ.
GPr M7	12	3°. EF	Autônomo	Art. Plástico	5.000,00	EM	EM
GPr M8	12	2°. EF	Art. Plástico	Professor	1.100,00	Univ.	Univ.
GPr M9	12	2°. EF	Arquiteto	Arquiteto	3.000,00	Univ.	Univ.
GPr M10	12	2°. EF	Bancário	Data Prev	2.000,00	Univ.	Univ.
	M = 12,3				M = R\$ 11.000,00		

#### Legenda para Escolaridade

EF	Ensino Fundamental
EM I	Ensino Médio Incompleto
EM	Ensino Médio
UNIV I	Superior Incompleto
UNIV	Superior

## Anexo 8

### Características Pessoais dos sujeitos: GPr F

Sujeitos	Idade	Escolaridade	Profissão		Renda Familiar R\$	Escolaridade	
			Pai	Mãe		Pai	Mãe
GPr F1	11	2º. EF	Estudante	Func. Pública	1.200,00	Univ. I	Univ.
GPr F2	12	2º. EF	Engenheiro	Vice-diretora (creche)	3.400,00	Univ.	Univ.
GPr F3	13	3º. EF	Prof. Ed. Física	Jornalista	3.000,00	Univ.	Univ.
GPr F4	12	2º. EF	Advogado	Estudante	4.000,00	Univ. I	Univ. I
GPr F5	13	3º. EF	Comerciante	Eng. Mecânica	3.000,00	Univ.	Univ.
GPr F6	12	2º. EF	Empresário	Psicóloga	3.000,00	Univ.	Univ.
GPr F7	12	2º. EF	Engenheiro	-	-	Univ.	Univ.
GPr F8	12	2º. EF	Empresário	Médica	5.000,00	Univ.	Univ.
GPr F9	12	2º. EF	Prof. Ed. Física	Repórter	3.000,00	Univ.	Univ.
GPr F10	12	2º. EF	Médico	Médica	8.000,00	Univ.	Univ.
	M = 12,1				M = R\$ 3.800,00		

## Anexo 9

### Prática do Handebol: Gpu M

Questões	1	2	-	3	4	5
<b>Sujeitos</b>						
GPu M1	+ 5 anos	Não	-	Ídolo	Motivação/ Campeonatos/ Medalhas	Bronca/ Desenvolver
GPu M2	- 1 ano	Não	-	Estética	Campeonatos/ Prazer jogo/ Progresso	Derrotas/ Insatisfação/ Desenvolver
GPu M3	1 a 2	Não	-	Estética	Motivação/ Campeonatos/ Destaque	Torcida/ Insatisfação/Desenvo lvendo
GPu M4	- 1 ano	Sim	Ed. Físico	Competição	Campeonatos/ Medalhas/ Destaque	Derrotas/ Broncas/ Desenvolvendo
GPu M5	3 a 4	Sim	Amigos	Lazer	Motivação/ Campeonatos/ Destaque	Derrotas/ Insatisfação/ Desenvolvendo
GPu M6	3 a 4	Não	-	Saúde	Campeonatos/ Medalhas/ Destaque	Derrotas/ Torcida/ Broncas
GPu M7	3 a 4	Sim	Amigos	Competição	Motivação/ Destaque/ Progresso	Derrotas/ Broncas/ Desenvolvendo
GPu M8	4 a 5	Sim	Ed. Físico	Saúde	Motivação/ Campeonatos/ Destaque	Insatisfação/ Rotina/ Desenvolvendo
GPu M9	+ 5 anos	Sim	Ed. Físico	Ídolo	Motivação/ Campeonatos/ Torcida	Derrotas/ Insatisfação/ Amizades

## Anexo 10

### Prática do Handebol: GPU F

Questões	1	2	-	3	4	5
Sujeitos						
GPu F1	1 a 2	Não	-	Ídolo	Progresso/ Destaque/ Medalhas	Derrotas/ Insatisfação/ Desenvolver
GPu F2	1 a 2	Sim	Amigos	Ídolo	Campeonatos/ Medalhas/ Destaque	Derrotas/ Broncas/ Desenvolver
GPu F3	3 a 4	Não	-	Ídolo	Campeonatos/ Destaque/ Progresso	Derrotas/ Insatisfação/Desenvolvendo
GPu F4	- 1 ano	Sim	Amigos	lazer	Campeonatos/ Motivação/ Torcida	Insatisfação/ Entes Queridos/ Desenvolvendo
GPu F5	1 a 2	Não	-	Lazer	Torcida/ Campeonatos/ Amigos	Derrotas/ Broncas/ Desenvolvendo
GPu F6	- de 1	Não	-	Lazer	Campeonatos/ Motivação/ Destaque	Derrotas/ Desenvolvendo/ Broncas
GPu F7	1 a 2	Sim	Amigos	Competição	Medalhas/ Destaque/ Progresso	Derrotas/ Insatisfação/ Desenvolvendo
GPu F8	1 a 2	Sim	Amigos	Competição	Medalhas/ Campeonatos/ Destaque	Derrotas/ Torcida/ Broncas
GPu F9	- de 1	Sim	Amigos	Competição	Motivação/ Campeonatos/ Torcida	Torcida/ Insatisfação/ Desenvolvendo

## Anexo 11

### Prática do Handebol: GPr F

Questões	1	2	-	3	4	5
<b>Sujeitos</b>						
GPr M1	1 a 2	Sim	Amigos	Lazer	Campeonatos/ Medalhas/ Destaque	Derrotas/Insatisfação/ Desenvolver
GPr M2	1 a 2	Sim	Ed. Físico	Lazer	Campeonatos/ Destaque/ Prazer Do Jogo	Derrotas/ Insatisfação/ Broncas
GPr M3	1 a 2	Sim	Amigos	Lazer	Torcida/ Campeonatos/ Destaque	Derrotas/ Insatisfação/Entes Queridos
GPr M4	1 a 2	Sim	Amigos	Lazer	Campeonatos/ Torcida/ Prazer Do Jogo	Derrotas/ Broncas/ Insatisfação
GPr M5	1 a 2	Não	-	Lazer	Motivação/ Campeonatos/ Destaque	Derrotas/ Insatisfação/ Rotina
GPr M6	- de 1	Não	-	Lazer	Campeonatos/ Prazer/ Progresso	Derrotas/ Desenvolvendo/ Broncas
GPr M7	1 a 2	Não	-	Lazer	Campeonatos/ Destaque/ Medalhas	Derrotas/ Insatisfação/ Rotina
GPr M8	1 a 2	Sim	Familiares	Saúde	Motivação/ Torcida/ Progresso	Derrotas/ Rotina/ Desenvolvendo
GPr M9	1 a 2	Não	-	Saúde	Campeonatos/ Torcida/ Destaque	Derrotas/ Insatisfação/ Rotina
GPr M 10	1 a 2	Não	-	Saúde	Motivação/ Prazer/ Amigos	Derrotas/ Broncas/ Desenvolvendo

## Anexo 12

### Prática do Handebol: GPr M

Questões	1	2	-	3	4	5
<b>Sujeitos</b>						
GPr F1	1 a 2	Sim	Amigos	Ídolo	Campeonatos/ Medalhas/ Torcida	Derrotas/ Broncas/ Rotina
GPr F2	+ de 5	Sim	Amigos	Ídolo	Prazer Do Jogo/ Destaque/ Amigos	Derrotas/ Rotinas/ Amizades
GPr F3	1 a 2	Não	-	Ídolo	Prazer Do Jogo/ Destaque/ Amigos	Derrotas/insatisfação/entes queridos
GPr F4	+ de 5	Não	-	Ídolo	Motivação/ Destaque/ Progresso	Torcida/ Broncas/ Insatisfação
GPr F5	- de 1	Sim	Familiares	Saúde	Medalhas/ Campeonatos/ Destaque	Broncas/ Insatisfação/ Desenvolvendo
GPr F6	4 a 5	Não	-	Lazer	Campeonatos/ Motivação/ Torcida	Derrotas/ Torcida/ Insatisfação
GPr F7	4 a 5	Não	-	Lazer	Campeonatos/ Progresso/ Amigos	Derrotas
GPr F8	+ de 5	Não	-	Lazer	Campeonatos/ Medalhas/ Amigos	Broncas
GPr F9	1 a 2	Sim	Familiares	Estética	Campeonatos/ Medalhas/ Prazer	Derrotas/ Torcida/ Broncas
GPr F10	1 a 2	Sim	Amigos	Competição	Motivação/ Destaque/ Progresso	Derrotas/ Insatisfação/ Desenvolvendo



## Anexo 13

### Perfil Motivacional: Gpu M

<b>Questões</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>	<b>7</b>	<b>x</b>
Viver experiências excitantes	-	-	3	1	1	1	3	5
Conhecer mais o handebol	-	-	-	2	-	2	5	6,1
Continuo a praticá-lo	1	1	-	4	2	1	-	3,8
Novas técnicas de treinamento	-	-	-	-	1	5	3	6,2
Incapaz de obter sucesso	4	2	3	2	-	-	-	2,1
Relação com outros atletas	-	1	1	1	2	2	2	5
Fazer amigos	2	-	1	-	1	1	4	4,8
Satisfação pessoal	-	-	1	3	3	1	1	4,7
Estar em forma	2	1	-	1	-	2	3	4,5
Prestígio de ser atleta	-	-	2	-	1	2	4	5,6
Desenvolver de outros aspectos	-	1	1	2	2	1	2	4,7
Melhorar os pontos fracos	-	-	1	1	2	5	-	5,2
Envolvido com a atividade	1	1	-	-	2	4	1	4,8
Senti-se bem praticando esporte	-	-	2	2	2	2	1	4,7
Aperfeiçoando habilidades	-	-	-	1	1	4	3	6
Importante estar em forma	-	4	-	2	1	1	1	3,7
Aprender coisas de outras áreas	1	-	1	2	1	1	3	4,8
Emoções intensas	-	-	-	1	1	3	4	6,1
Handebol não é o meu lugar	6	1	-	-	1	1	-	2,1
Executar movimentos difíceis	-	-	-	1	3	4	1	5,5
Sem tempo para praticar	-	1	1	-	2	2	3	5,3
Mostrar as habilidades aos outros	3	-	2	2	1	-	1	3,2
Aprender novas técnicas	-	-	-	3	1	1	4	5,6
Manter boas relações com amigos	-	2	-	-	2	3	2	4,4
Totalmente envolvido na atividade	1	-	-	-	-	5	3	5,7
Praticar esporte regularmente	1	1	2	1	3	-	1	3,8
Descobrir novas estratégias	-	1	1	1	2	2	2	5
Metas estabelecidas	-	-	-	2	-	3	4	6

## Anexo 14

### Perfil Motivacional: GPu F

<b>Questões</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>	<b>7</b>	<b>x</b>
Viver experiências excitantes	-	1	1	-	1	1	5	5,6
Conhecer mais o handebol	-	-	-	1	1	1	5	6,3
Continuo a praticá-lo	5	-	-	2	-	1	1	2,8
Novas técnicas de treinamento	-	-	1	1	-	1	6	6,1
Incapaz de obter sucesso	2	-	2	1	1	2	1	3,5
Relação com outros atletas	-	1	-	-	1	1	6	6,1
Fazer amigos	-	1	-	3	-	2	3	5,2
Satisfação pessoal	-	-	1	-	1	4	3	5,6
Estar em forma	-	-	-	1	2	3	3	5,8
Prestígio de ser atleta	-	-	1	1	1	-	6	6
Desenvolver de outros aspectos	-	-	1	2	1	3	2	5,3
Melhorar os pontos fracos	1	-	-	1	2	1	4	5,4
Envolvido com a atividade	-	-	-	1	2	-	6	6,2
Senti-se bem praticando esporte	-	-	-	4	-	2	3	5,4
Aperfeiçoando habilidades	1	-	-	-	2	2	4	4,5
Importante estar em forma	-	1	-	1	2	3	2	4,6
Aprender coisas de outras áreas	-	-	1	-	4	1	3	5,5
Emoções intensas	-	-	-	1	1	1	8	6,3
Handebol não é o meu lugar	6	2	-	-	-	1	-	1,7
Executar movimentos difíceis	-	1	-	3	-	3	2	4,4
Sem tempo para praticar	3	-	-	-	-	1	5	4,8
Mostrar as habilidades aos outros	-	-	2	2	2	-	3	5
Aprender novas técnicas	-	1	-	1	-	1	6	6
Manter boas relações com amigos	1	-	-	-	-	4	4	5,8
Totalmente envolvido na atividade	-	-	-	-	2	2	5	6,3
Praticar esporte regularmente	-	-	1	2	2	2	2	5,2
Descobrir novas estratégias	-	-	2	2	1	1	3	5,1
Metas estabelecidas	-	-	-	2	-	2	5	6,1

## Anexo 15

### Perfil Motivacional: GPr M

Questões	1	2	3	4	5	6	7	x
Viver experiências excitantes	-	-	1	2	1	-	6	5,8
Conhecer mais o handebol	-	-	-	1	6	-	2	5,3
Continuo a praticá-lo	9	-	-	-	-	1	-	1,5
Novas técnicas de treinamento	-	-	2	1	-	2	5	5,7
Incapaz de obter sucesso	6	2	1	-	-	1	-	1,9
Relação com outros atletas	-	1	2	2	1	1	3	4,8
Fazer amigos	2	-	-	2	3	1	2	4,5
Satisfação pessoal	3	1	3	1	1	1	-	2,9
Estar em forma	-	-	-	1	1	1	7	6,4
Prestígio de ser atleta	-	-	-	1	-	2	7	6,5
Desenvolver de outros aspectos	-	-	1	2	2	-	5	5,6
Melhorar os pontos fracos	-	-	-	1	1	2	6	6,3
Envolvido com a atividade	-	-	-	2	2	3	3	5,7
Senti-se bem praticando esporte	-	-	1	-	1	1	7	6,3
Aperfeiçoando habilidades	-	-	-	1	1	2	6	6,3
Importante estar em forma	-	2	2	2	1	3	-	4,1
Aprender coisas de outras áreas	-	-	-	5	2	1	2	5
Emoções intensas	1	-	-	1	2	3	3	5,4
Handebol não é o meu lugar	9	1	-	-	-	-	-	1,1
Executar movimentos difíceis	-	-	-	1	2	3	4	6
Sem tempo para praticar	2	-	2	1	-	3	2	4,4
Mostrar as habilidades aos outros	2	-	-	3	3	-	2	4,3
Aprender novas técnicas	-	-	-	-	2	2	6	6,4
Manter boas relações com amigos	-	1	1	2	1	1	4	5,2
Totalmente envolvido na atividade	-	1	1	1	2	1	4	5,3
Praticar esporte regularmente	1	-	1	1	3	1	3	5
Descobrir novas estratégias	-	-	-	2	2	3	3	5,7
Metas estabelecidas	-	2	1	-	1	3	3	5,1

## Anexo 16

### Perfil Motivacional: GPr F

Questões	1	2	3	4	5	6	7	x
Viver experiências excitantes	1	-	-	3	-	3	3	5,2
Conhecer mais o handebol	-	-	3	-	3	-	4	5,2
Continuo a praticá-lo	7	-	1	-	1	1	-	2,1
Novas técnicas de treinamento	1	-	-	2	1	2	4	5,4
Incapaz de obter sucesso	5	-	3	1	-	-	1	2,5
Relação com outros atletas	-	-	-	2	-	4	4	6
Fazer amigos	1	-	2	3	2	1	1	4,2
Satisfação pessoal	2	-	2	2	2	2	-	3,8
Estar em forma	-	-	3	-	1	-	8	6,4
Prestígio de ser atleta	-	-	-	-	3	3	4	6,1
Desenvolver de outros aspectos	1	-	1	3	-	3	2	4,8
Melhorar os pontos fracos	-	-	2	1	2	3	2	5,2
Envolvido com a atividade	-	-	1	4	-	-	5	5,4
Senti-se bem praticando esporte	-	1	-	1	-	4	4	5,8
Aperfeiçoando habilidades	-	-	1	2	1	2	4	5,6
Importante estar em forma	2	-	3	2	1	2	-	3,6
Aprender coisas de outras áreas	-	1	2	1	3	1	2	4,7
Emoções intensas	-	-	1	2	2	2	3	5,4
Handebol não é o meu lugar	6	1	1	2	-	-	-	19
Executar movimentos difíceis	1	-	2	2	3	2	-	4,2
Sem tempo para praticar	2	-	-	2	1	3	2	4,7
Mostrar as habilidades aos outros	3	2	1	1	2	-	1	3,1
Aprender novas técnicas	1	-	-	1	2	2	4	5,5
Manter boas relações com amigos	-	-	2	3	-	3	2	5
Totalmente envolvido na atividade	-	-	1	1	-	3	5	6
Praticar esporte regularmente	-	3	1	2	2	2	-	3,9
Descobrir novas estratégias	1	-	1	2	-	6	-	4,8
Metas estabelecidas	1	-	-	-	3	3	3	5,5